Fon
Fon
ANNO XXVII — N. 10
Rio, 11 de Março, 1933.
— PREÇO: 1$000 —

O conto brasileiro

FRAGILIDADE

De SABOYA RIBEIRO

A caminho do bar, trahindo-se nas olheiras uns tons roxos, que lhe intensificavam, ainda mais, a grande pallidez do rosto, Paulo me abria a sua alma.

Tinha, ainda na vespera, rompido com os amores, em plena marcha para um noivado definitivo, com a Clelia. Era desse rompimento, justamente, que falava agora commigo, naquelle encontro fortuito.

— Zangar-me ou maldizer-me, para que? Tudo bem ponderado, nessas coisas, sempre quem lucra somos nós, homens.

"Agora, confesso que ainda me róe, cá por dentro, um sentimento que será talvez revolta, desconsolo, angustia. Sei lá... Em todo o caso, um sentimento, que não corresponde, positivamente, a um estado d'alma agradavel.

"Mas, tudo passa. Amanhã, recobrado o animo sereno, curado o espirito desse trauma, eu abençoarei (quem sabe?!) este momento que me parece amargo.

"Si vale a lição do passado, eu é que estou de parabens. Afinal de contas, que era a Clelia? Uma mulher como tantas, talvez bonita.

"E, de certo, não foi a mais querida de todas, que andaram pelos meus dias. Tanto assim que, si comparo o sentimento pungitivo de vazio, que me trouxe esta decepção de perdêl-a, com o que outras mulheres, noutros tempos, me deixaram, reconheço que soffro bem menos agora.

"Ganho em experiencia. Já hoje, quando evoco essas pequeninas mágoas do coração, e lembro aquellas, por amor de quem as padeci, é que verifico o meu grande erro.

Realmente, que valem ellas hoje, para mim? Nada!

"E, si não fosse a consciencia profunda de que as amei, de facto, vendo-as ainda mentalmente, acaso ainda de posse de elementos materiaes, que assignalaram as suas passagens: uma carta... um retrato... um livro que alguma me déra a ler, esquecido... — não o crera eu proprio. E' que, no amor, toda a illusão está no "presente", que vivemos.

"Um dia, porém, morre-nos a nossa grande paixão. O que primeiro se sente é que não ha resistir ao golpe. Mas, passa mesmo.

"E nem é preciso que decorra muito tempo para que, mais tarde, deante de um encontro casual, sem o menor choque de alma, nos perguntemos a nós mesmos: — "Com que então, eu já amei algum dia essa mulher?"

"Assim, agora, deve valer a lição do passado. Ella, repito, não foi a mais amada de todas. E passará, breve, a sua lembrança, inteiramente, como a das "outras."

"Amanhã, (quem sabe?) eu talvez nem tenha bem clara a consciencia de que a houvesse amado. Outra virá, porventura mais bella... como sóe sempre acontecer á ultima. Sim, eu é que estou de parabens... Eu lucrei perdendo-a".

Já nos iamos a abancar á mesa, quando lhe vi tremeluzir nos olhos, a crystalização de uma lagrima. E Paulo, que já ia pigarreando para o fim, a voz meio empastada, querendo illudir-me (a mim, que o conheço tão bem!), teve esta phrase:

— Que pêso! Pois não é que me cahiu um argueiro nos olhos?

E eu, ironico, pela necessidade de não passar por ingenuo:

— E tanto mais, meu amigo, que, desta vez, lhe cahiu em ambos os olhos...

Minha u'tima offerenda a ti...

Colhe, na palma branca da tua mão,
emquanto é tempo, estas lagrimas
que brotam no canto dos meus olhos.

Receio que ellas se derramem pela minha face
e se percam, para sempre, na poeira,
antes que tu consigas ver a tua imagem
debruçada sobre o brilho pállido dellas...

A tua imagem, que é a fórma da minha vida!

Colhe-as na palma quente da tua mão!

Ellas vim de uma pequenina historia
que é um segredo que ainda te não revelei,
e que móra no fundo das minhas retinas
— como aquelles contos tristes de fadas
que podem ser escriptos com a ponta de uma agulha,
numa noite de verão, no canto dos olhos...

Colhe-as na palma quente da tua mão,
sem demóra, ó mãe!
como a minha ultima offerenda a ti...

ACHILLES VIVACQUA

O CONGRESSO DOS MORTOS

VESPERA de Finados. Na necropole preferida pela aristocracia, onde a magnificencia custosa e apparatosa dos tumulos despertava a attenção, os trabalhadores se desdobravam em actividade, dando a impressão de que um grupo de homens especialistas preparava, com carinho, um palacete para importante festa.

Tumulos limpos, mausoléos artisticos e caros, cujos marmores alvos rebrilhavam bronzes de tal preço e tão polidos, que pareciam custosas peças de ouro...

Os canteiros, tratados, tudo impressionava agradavelmente.

Até mesmo as modestas sepulturas mereceram os cuidados dos trabalhadores, pois foram capinadas, apresentando-se mais agradavelmente aos olhos.

Os longos muros, caiados de branco, faziam realçar melhor os tumulos.

Havia, em tudo, um requinte de cuidado, a intenção unica de impressionar aos visitantes...

Na encosta da montanha, vamos encontrar um grupo de trabalhadores, preoccupados em limpar os marmores e bronzes que ornamentam um riquissimo mausoléo.

— Cuidado com essa agua, rapazes, para que não caia dentro do jazigo!... Vocês bem ouviram a recommendação que me fez a patrôa, a chorar... — disse o encarregado do serviço, e que chefiava os demais companheiros.

— Essa "gaja", que aqui esteve a choramingar, é que é a viuva X?... — perguntou um typo boçal ao encarregado.

— E' ella mesma; senhora muito distincta e que paga sempre bem tudo quanto manda fazer...

— Então é esta a "typa", que, dizem, mandou o amante matar o marido, p'ra se metter com elle e avançarem os dois na fortuna do desgraçado?!...

— Que está você p'ra ahi a dizer? Cale-se! Não repita as infamias que ouvir...

— Não sou eu só que sei disso por ouvir dizer; todo o bairro onde ella mora sabe do que eu disse...

— Chega! Muito cuidado com a agua, é o que eu repito.

Os homens que assim falavam estavam limpando com religioso cuidado, (pois eram bem pagos) um riquissimo mausoléo de marmore negro e bronze que a viuva X, havia mandado construir para o seu finado marido, alli sepultado.

....

O dia havia amanhecido radiante de sol e de luz. O sol causticante fazia rebrilhar os marmores e bronzes, dando um tom alegre áquelle recinto, onde as pessôas que nelle penetram devem ir sempre ungidas de fé, de respeito e de saudades...

Logo cêdo, os visitantes começaram a chegar, e dentro em pouco a vasta necropole encheu-se de pessôas que alli iam: umas, movidas por um sentimento piedoso de fé e de respeito pelos mortos; outras, por simples pretexto, para exhibição de suas posses monetarias; outras, por simples curiosidade e passatempo, e, ainda outras, num requinte de nojenta hypocrisia.

E o cemiterio era, desse modo, escolhido para campo de exhibição de sentimentos condemnaveis, ao envez de ser respeitado, por ser como bem disse o saudoso Hermes Fontes:

Cemiterio...
prisão aberta da Vida,
jardim fechado da Morte,
mar em que se desaguarão
todos os rios da Vida...
Fronteira sem passaporte
labyrintho sem sahida, —
estação do fim da vida
Para a Decomposição.

Os falsos sentimentos alli estavam representados por todas as fórmas e por typos de toda a especie...

E o povo se diverte por entre os tumulos, contrictos uns, indifferentes outros, e até satisfeitos alguns...

A maioria carrega flores, grandes braçadas, lindas e custosas corôas e ha tambem os que levam modestas flores, sem a preoccupação do exhibicionismo, tal a sinceridade do seu gesto.

O dia correu celere sob um sol abrazador e uma temperatura escaldante.

Os innumeros visitantes que accorreram á cidade dos mortos foram se retirando e dentro em pouco o silencio e a solidão voltaram a imperar na vasta necropole.

....

De ha muito tinham os mortos alli encerrados deliberado reunir-se em uma grande assembléa, para lavrarem o seu protesto contra tanto tartufismo a que assistiam diariamente.

E o momento desejado chegou com o dia da "Commemoração dos Mortos".

Na ampla capella da necropole teve lugar a estranha assembléa, logo após se fecharem os pesados portões de ferro.

Sobre o altar improvisado em mesa, tomou lugar o presidente do Congresso, acclamado unanimemente pelos presentes.

Era elle um dos mais antigos habitantes do luxuoso cemiterio, para onde fôra levado ha mais de 50 annos.

Em vida, havia sido um simples medico parteiro, que se especialisára como "faiseur d'ange".

Fôra levado ao suicidio por causa de uma cliente, alta dama da Côrte, que concebêra na ausencia do marido, sendo forçada, para evitar o escandalo, a recorrer aos serviços desse medico amigo.

De Orlantino Loredo

Perigando a vida dessa adúltera a familia chamára outro medico, e este, posto ao corrente do que occorrera, pela propria dama, num gesto condemnavel, denunciou o collega.

Fez-se o escandalo e os potentados da época moveram uma guerra sem tréguas ao pobre medico, que, para se ver livre da perseguição, só encontrou no suicidio um termo final...

— Meus irmãos e companheiros de morada: já sabeis todos o fim desta assembléa majestosa e unida. Não preciso recordar a necessidade que temos de lavrar o nosso protesto solennissimo contra o tartufismo, a hypocrisia, o deboche e o despudor a que assistimos diariamente praticados pela maioria dos que aqui vêem, nesta mansão, onde só deveriam imperar o respeito e a sinceridade!... Durante estes longos annos que aqui estou, tenho assistido scenas deprimentes e factos que revoltam mesmo a nós outros, mortos... Os responsaveis por esta cidade santa (como lhe chamam os poetas), nenhuma providencia tomam, nenhuma ordem transmittem aos seus subalternos para que tenham um paradeiro esses sacrilegios...

"Nesta cidade que é nossa, muito nossa, e onde não deveriam ter entrada os vivos, pois que só sabem tripudiar sobre os nossos leitos, é necessario que o respeito volte a imperar, que se acabe de vez com esses espectaculos revoltantes de tanta hypocrisia... Cada um de nós vae dizer, publicamente, o que tem testemunhado.

"Eu, falou o presidente da assembléa — fui levado ao suicidio pela torpeza de um collega mancommunado com os figurões da época... Deixei na miseria esposa invalida, e na orphandade cinco filhos, sem que os desgraçados tivessem a garantia de um pão para mitigar-lhes a fome... Pois, senhores, esses mesmos que me forçaram a abandonar a vida e a familia promoveram a erecção de um tumulo áquelle que em vida fôra o amigo da pobreza, tumulo cuja inauguração teve discursos e a presença dos meus algozes!"

— Crapulas!...

— Tartufos!... — aparteou um outro velho habitante do luxuoso cemiterio.

— Pois o meu caso é mais interessante do que o seu: — Casado com uma creatura moça e bôa, vivia feliz, apesar de pobre. Meu irmão, entretanto, que tinha por minha mulher grande sympathia, prevaleceu-se da opportunidade que se lhe offereceu adquirindo fortuna, e resolveu conquistar a cunhada. Certa noite, ao chegar á casa, surprehendo-os em flagrante delicto de adulterio. Cégo de odio, sacco da minha arma e, quando vou alvejar os infames, tive os movimentos impedidos por uma creada que os auxiliava na abjecção. Meu irmão salta sobre mim, apodera-se da minha arma e com ella tira-me a vida. Com a sua fortuna fez crer que eu me havia suicidado e todos o acreditaram. Para maior corroboração da sua affirmativa, encarregou-se dos funeraes e da acquisição perpetua da minha sepultura. Todos os annos, na data de hoje, elle e a adúltera — com a qual se casou, afinal, — vêem ao cemiterio depositar flores sobre a minha sepultura...

— Immoraes!... Tartufos!...

— O meu caso, — disse outro, que se encontrava ao fundo da sala da capella, — é mais ou menos identico em grão de torpeza... Defendendo a honra de uma joven, fui por ella morto a facadas, auxiliado por um parente meu, o mesmo a quem queriam vender a honra da moça. Aos assassinos nada aconteceu, graças á protecção que desfructavam dos politicos da época. Um dia, minha noiva, moça pobre, mandou, com grandes sacrificios, levantar um pequeno muro em torno da minha sepultura raza, para isolál-a dos pés sacrilegos dos que aqui vêem sem nenhum respeito. Como não lhe sobrasse dinheiro para uma pedra, plantou, ella mesma, flores, que eram regadas com as suas lagrimas sinceras, transformando assim a minha sepultura num pequeno jardim. Certa vez, os meus assassinos, num assomo de hypocrisia, vieram visitar-me o tumulo, trazendo em sua companhia a moça, cuja honra, por mim defendida, me custou a vida. Admirou-se a joven da belleza do pequeno jardim e isso mesmo declarou aos miseraveis. Passou ella a visitar a minha sepultura amiudadas vezes, e, assim, um dia, manhã cêdo, eu a vi chegar e plantar no pequeno jardim um pé de saudades...

Essa planta symbolica cresceu e depressa floresceu, havendo sempre na minha sepultura uma saudade aberta.

Um dia, os bandidos surprehenderam a pobre moça, num gesto meigo e religioso, beijando as flôres, e, ali mesmo, a espancaram.

— Infames!... Obcenos!...

— O meu caso, — exclama um outro, que se conservava junto ao presidente, — vou relatál-o sem exaggerar uma só minucia, uma palavra siquer. Casei-me por amôr, por verdadeiro amôr com uma creatura pobre, tão pobre que, para manter-se e á sua velha mãe, leccionava primeiras letras. Rico, poderia ter escolhido esposa na alta sociedade, que era a minha. Não o fiz. Apaixonei-me por essa moça e desposei-a... Dez annos vivemos na maior harmonia, sem que, durante esse tempo, uma só nuvem toldasse o céo azul da nossa felicidade... O Destino, po-

(Cont. na pag. seguinte)

DOUTOR SUPINO é muito exaggerado. Tudo elle augmenta, falando...

De si, propriamente, ou dos seus fala sempre bem. Os paes vivem como dois anjos; nunca vira duas pessoas mais bem educadas, mais unidas. Os sogros, tambem de educação aprimorada, são seus amigos; e faz-lhes rasgados elogios. Ao irmão, intellectual de "nomeada, pessoa alguma excede em talento; ninguem lê no Brasil como elle, ninguem tem mais livros raros do que elle: a sua bibliotheca é um museu de raridades. As irmãs são bonitas, intelligentes, falam e escrevem correctamente o francez, idem idem correctamente o inglez, idem idem diversas outras linguas vivas, pintam melhor que o mais afamado pintor brasileiro, bordam com perfeição, tocam piano com muito gosto e incomparavel téchnica, cantam e encantam.

Doutor Supino, por excessiva modestia, diz-se o menos preparado da familia; comtudo já possue dois titulos: é médico e advogado sem exercer, é verdade, nenhuma dessas profissões liberaes, pois ganha o pãozinho de cada dia como burocrata de repartição publica de segunda. Não lhe falta competencia para o exercicio de qualquer dellas, mas falta-lhe o principal: quem lhe dê a mão. Ninguem sobe unicamente pelos seus conhecimentos, pelos merecimentos proprios: é necessario ter alguem que o auxilie. E' a opinião delle e de muita gente. Por isso, emquanto não apparece esse protector, vae elle chupando uma barata!

PODIA SER...

E fala sobre esse hypothético cidadão, como fala... os oráculos consultados acêrca da vinda do Redem... quando rebentavam rumores mysteriosos no seio... cidades, das villas, das aldeias, dos campos; e e...

VOCÊ QUER?

Você quer vir commigo pela vida afóra,
andar commigo sempre a toda hora,
sob a mesma noite, sob o mesmo dia?
Quer vêr, junto commigo, um sól mais radioso,
um sól que é um riso, um canto delicioso,
um sól que é uma alegria?

Quer juntar minha vida á sua vida,
e a somma dividir depois,
bem dividida,
por nós dois?
(Repare que não digo calinadas,
nem procuro pretexto de conversas:
pois não vê que as parcellas são diversas,
e a divisão as torna equilibradas?)

Se quer, não tarde, venha. Venha sem pensar...
"Eu tenho uma casinha bôa,
que parece atôa..."
mas que Você vendo não quer mais deixar.

Anda, venha, santinha,
venha ver minha casinha,
minhas pinturas, minhas faianças,
o ninho onde animo as esperanças,
meus abats-jour, a minha corujinha
com uns ôlhos muito grandes, de azeitona,
e um corpo que é só aza,

O CONGRESSO DOS MORTOS

(Continuação)

rém que occultamente aguardava a hora de destruir o meu thesouro, fez surgir um homem, que havia de desempenhar o papel de protagonista em toda a infamia. Minha mulher que até então era esposa honesta e exemplar, deixou-se levar pela labia do seductor e esqueceu os seus deveres imperiosos de esposa...

"Logo que os infames perceberam que eu era sabedor do seu indigno procedimento, concertaram a minha eliminação. Aos poucos, a minha vida foi sendo exterminada por um envenenamento methodico, até o desenlace, que era fatal... Com a minha morte, minha mulher tornou-se herdeira unica de tudo o que eu possuia. Removido o empecilho, os devassos passaram a viver juntos, escandalosa e publicamente. Num gesto altamente hypocrita e duplamente nojento, ella, a falsa, mandou construir o mausoléo em que me encontro e que, como sabeis, é o mais rico e luxuoso deste cemiterio.

Não se passa um domingo sem que ella aqui venha assistir missa na capella que existe no meu jazigo. Nunca veio só. O amante seu cumplice acompanha-a sempre escarnecendo assim publicamente de tudo e de todos...

— Quanta torpeza! — aparteou um.

— Que libertinos!... — exclamou outro...

— Quando acontece haver alguem presente, a devassa finge sentimentos que não possúe, e, fazendo-se triste, chora...

— Falsa!...

— Hypocrita!... — apartearam.

— Hoje, o meu mausoléo amanheceu florido, garrido e artisticamente enfeitado, como si alli fôra se offerecer uma festa. Todos os olhares o alvejaram, — já pela sua sumptuosidade, já pela ornamentação escandalosa!... A deshonesta sentia-se envaidecida com isso... e declarou-o ao amante e cumplice. Houve um momento em que a minha revolta chegou ao auge; — quando, no interior do jazigo, elles conversavam amistosamente.

" — Meu querido — disse ella, enlaçada ao pescoço do individuo — Nós poderiamos ter continuado como viviamos, um para o outro,

De Hormino Lyra

...lo, como esperava o povo de Israel o Messias desejado ou como, noutros tempos, outrem esperaria deitado o maná que cahiria do céo.

O sorriso da esperança baila-lhe sempre nos lábios.

Um dia, e esse dia há de chegar, rebentára a bomba, e o mundo inteiro ficará sabendo quem é doutor Supino, como advogado, como medico, como, não sabemos mais o quê...

* * *

Casara doutor Supino.

A mulher era creatura bôa e ás vezes, sem querer, ia elogiando-lhe a belleza physica.

Viera o rebento, menino vivo e interessante. Era o mas intelligente do Orbe. E exaggerava, contando coisas incriveis acêrca da criança.

O outro dia o innocente ia á casa de vovó no colo de Babá. Quando o bonde fôra chegando perto da casa de vovó, dera signal a Babá para o mandar parar! Um prodigio! Coisa nunca vista!

E á vista de semelhante successo, quando uma vez doutor Supino ia chegando *afobado*, á repartição para amassar o pãozinho do dia, um collega e martyr das pauladas acêrca da vivacidade da criança, que nem siquer tinha tres mezes de existencia, avisara-lhe com seriedade:

— Neste momento teu filho estava te procurando...

— Como?

— Quer falar-te com urgencia ao telephone...

E algum tanto distrahido e algo convencido e sorridente:

— Quem?! O meu filhinho?

— Sim. Elle em pessôa.

E doutor Supino, até caindo em si:

— Por que não?! Podia ser...

...ando pela casa,
como se fosse a dona...

Eu a dou para Você: quer?
Ella tem com Você uma qualquer
analogia: —
dá sempre a impressão,
mas é só impressão —
de que vive pensando todo o dia...

Não pense não, meu bem!
Perdôe-me a franqueza:
se Você pensar tenho a certeza
de que não vem!
— Por que?
Porque Você
sabe que Oscar Wilde disse
que esse eterno lemma
de eternidade em amor é uma tolice
em que a mulher estraga o mais bello poema!

Por isso, se pensar, Você não vem,
meu bem.
Não pense não. Mas venha, venha... átôa...
olhe que eu tenho uma casinha bôa...

EUGENIO DE FIGUEIREDO

Rio — Carnaval, 1933.

O CONGRESSO DOS MORTOS

(*Conclusão*)

durante alguns annos, sem tel-o morto! Elle era bom p'ra mim, p'ra nós...

— Nunca; a continuarmos como estavamos, eternamente sobresaltados, melhor seria que nos separassemos para sempre!

— Elle, não nos prejudicava em coisa alguma, nem siquer suspeitava de nós...

— Sim, mas corriamos a cada instante o perigo de sermos surprehendidos em flagrante e sermos mortos...

— Confesso-te que, ás vezes, tenho remorsos do que fiz. Afinal, elle era bom e nós fomos máos, muito máos para elle.

— Não pensa em tolices, minha filha... Deixa lá o idiota do teu fallecido marido e gozemos a vida. Dá-me um beijo e alegra-te — disse elle."

— Patifes!...

— Depois do beijo, conservaram-se abraçados, sem o menor respeito pelo lugar em que se encontravam...

— E' preciso que tomemos, hoje mesmo, severas providencias contra esses attentados á moral, á honra, á religião e ás nossas memorias — disse o presidente da assembléa!

— Eu proponho, — falou um dos presentes á assembléa — que todas as vezes que esses factos se repetirem, cada um de nós protaste, como da melhor fórma puder!

— Que se façam voar as lages dos sepulchros — gritou um!

— Que se ceguem os protagonistas! — atalhou outro...

— Pois eu proponho coisa melhor: — quando qualquer desses patifes aqui vier prostituir este lugar sagrado, todos nós deixaremos os tumulos e nós reuniremos em torno delles, numa sarabanda infernal, num bailado macabro, num gargalhar dantesco, comprimindo-os, atropelando-os, até leval-os á loucura ou ao suicidio!...

— Muito bem! Muito bem!... — atalharam todos.

O presidente submette á approvação da assembléa, a proposta apresentada, e a mesma é approvada unanimemente.

Nesse momento, os gallos da vizinhança annunciam, com o seu canto, o chegar da alvorada e a assembléa se dissolve, em ordem, soturna e tetrica...

A suprema

SOFIA BERLAND deteve-se na plataforma do omnibus e aguardou a parada na praça São Lambert, onde devia descer. Na plataforma havia outras pessôas. O carro, que corria velozmente pela rua Vaugirard, fez uma brusca viravolta para evitar um *taxi* que freiára sem aviso. Os passageiros foram atirados uns contra os outros pelo choque imprevisto.

Emquanto se segurava a uma manivella niquelada, Sofia teve a sensação de que a bolsa de mão, que levava debaixo do braço, ia aos poucos resvalando.

Apertou o braço. A bolsa continuou a escapulir. Então, como já houvesse recobrado o equilibrio, a joven senhora lançou um olhar receioso para os demais passageiros. Ao seu lado, um homem se desculpou com um vago: — "Perdão, minha senhora" — entregando-lhe a carteira, que, com certeza, segurava, instinctivamente.

Tirou o chapéu, descobrindo uma abundante cabelleira vermelha.

Sofia Berland voltou o rosto e, como o omnibus parasse, desceu com agilidade e elegancia. Dois outros passageiros, um dos quaes era o homem da cabelleira vermelha — desceram tambem, atráz della.

Os tres, a poucos passos de distancia um do outro, seguiram pela rua Desnoveles, emquanto o omnibus proseguia na sua carreira, perdendo-se nas sombras da noite...

Ao dobrar a esquina da rua Olier, a sra. Berland augmentou o passo. Mas somente o homem da cabelleira vermelha proseguiu o seu caminho. O outro deteve-se a dois metros deante de Sofia, na porta de um edificio novo, e chamou a porteira.

A joven senhora hesitou. Acabou entrando, porém. O homem deu alguns passos para o interior, premiu o commutador da luz do saguão e illuminou completamente a entrada e o primeiro lance da escadaria. E gritou para a porteira, emquanto Sofia, cautelosa, cerrava a porta:

— Tapinon!

Tinham combinado que a sra. Berland se annunciaria, ao passar, com o nome de — Marlier. — A porteira fôra discretamente prevenida. O homem, que já subia conhecia a escada, julgaria certamente que a sra. Berland era tambem locataria do predio.

Deixou-se distanciar. Chegando ao primeiro andar, deteve-se para procurar uma chave na sua carteira. O homem continuava a subir. Sofia contava machinalmente os degraus que elle subia com passos fortes. Parou no terceiro andar. Sentiu que elle entrava no seu apartamento e cerrava a porta. Abriu, então, por sua vez, a porta do apartamento que lhe estava destinado, accendeu a luz e tornou a cerrál-a com o maior cuidado. Não se apressou. Examinou o pequeno vestibulo. Em seguida, visitou as tres peças e a cozinha, a pequenos passos, sem tirar o chapéu nem a capa. O mobiliario e a ordem reinante em todo o apartamento testemunhavam a preoccupação de um homem solitario em viver confortavelmente. Na alcova, o leito era amplo e o guarda-roupas, de tres espelhos, tinha igualmente a mesma amplitude.

No escriptorio, as cadeiras eram profundas, largas e baixas.

A sala de refeições, alegre e cheia de luz.

Sofia achou aquelle interior a seu gosto.

Si nesse instante alguem lhe perguntasse porque ia enganar o seu marido, não saberia dar uma razão por mais fragil que fosse...

Berland e Marlier eram do mesmo Ministerio. Tinham identicos officios e as mesmas modestas ambições: terminar em uma cadeira de chefe de Pasta da Fazenda, de cujo quadro faziam parte desde a mesma época.

Durante dez annos entre os tres — o casal Berland e Marlier — não houvéra mais do que amizade. Só este anno, em março — talvez ao influxo da primavera, que chegou demasiadamente cedo — Marlier descobriu em Sofia outros attractivos que não eram, apenas, os de uma excellente dona de casa e de uma fina cozinheira. Tiveram, então, pequenas conversações, no curso das quaes Marlier falou melancolicamente das vidas malogradas, das incomprehensões, da velhice, que chegava a galope, sem deixar o tempo necessario para sentir a vida. Essas coisas, que di'as alguns mezes antes teriam deixado a sra. Berland indifferente, tocavam-na agora, nessa primavera, bem no intimo da sua sensibilidade.

Chegaram as férias e os tres foram veranear na praia de Guirec. Berland tinha receio de metter-se n'agua e ficava estendido sobre a areia, marcando pontos quando a sua mulher e Marlier se distanciavam da praia e disputavam "matchs", de velocidade sobre as ondas crespas...

Ao regressar a Paris, ambos estavam irremediavelmente arrastados pela aventura. O outomno acumpliciava-se a esse estado de alma, doce e sem chuvas, [...] a sua penetrante melanc[...] Sofia e Marlier não tinham pro[...]ciado palavras definitivas: ag[...]davam, sem impaciencias pe[...]sas, o momento desejado...

A occasião apresentára-se, [...] fim. Um telegramma proced[...] de Avallond chamava Berland [...] urgencia, pois que a mãe delle [...] achava gravemente enferma. [...] submetter-se a uma interve[n...] cirurgica urgente. Berland obt[...] uma licença de oito dias. A's [...] horas, a sua mulher e Mar[...] foram leval-o á estação; ella c[...] lagrimas nos olhos, Marlier [...] a voz tremula e o olhar triste. Pela portinhola do trem, Berla[nd] agitou a mão, despedindo-se. Di[...] adeus ao passado e não suspeita[...] de coisa alguma...

Foi durante o almoço, num [pe]queno restaurante perto da es[ta]ção, que combinaram o encont[ro] daquella noite. Sofia não expe[ri]mentou uma emoção excessiv[a]. Acceitou o convite com simpli[ci]dade. Queria apenas não cor[rer] riscos que a compromettessem.

Só havia um contratempo. [Ha] dez dias que o preparo dos titul[os] de um novo emprestimo do Esta[do] absorvia o trabalho de varias [re]partições do Ministerio. Cincoen[ta] auxiliares trabalhavam multas [ho]ras além do expediente, sob a [vi]gilancia dos funccionarios grad[ua]dos. Berland acceitára aquelle tr[a]balho extra, promettendo a s[ua] mulher entregar-lhe os honorari[os] extraordinarios para comprar [o] que ella entendesse. Marlier, co[mo] de costume, seguira o exemplo d[o] seu amigo. Ao saber que Berla[nd] se ausentava, tentou fazer-se su[bs]titir, mas nenhum dos seus col[le]gas quiz attendêl-o.

Deixaria assim o Ministerio [ás] 11 horas da noite e estaria u[m] quarto de hora depois em sua ca[sa]. Por sua vez, entre 10 e 11 hor[as] Sofia se trasladaria á rua Olie[r], daria, ao passar pela porteira, [o] nome de Marlier e se installar[ia] no apartamento. Na manhã [se]guinte, regressaria a sua casa se[m] chamar a attenção, discretamente, tal como viéra...

SOFIA apagou a luz da salinh[a] e da alcova e passou ao escr[i]ptorio. Tirou a capa e o chap[éu] e dirigiu-se para a janella. Afa[s]tou ligeiramente a cortina, incl[i]nou-se sobre o vidro e olhou [a] rua. Esteve prestes a soltar u[m] grito... Teve a impresão de qu[e]

covardia

De Etienne Gril

o seu coração deixára de bater e apertou as mãos sobre o peitoril da janella.

A poucos passos adeante, na penumbra da rua mal illuminada, um homem se lançára sobre um transeunte e cravára-lhe uma faca nas costas, atirando-o sobre o calçamento.

Entretanto, o assassino operava com rapidez. Despojava da sua carteira ao homem que acabava de apunhalar, erguia-se lançando um olhar para a rua Vaugirard, apanhava o chapéu que cahira sobre a calçada e deitava a correr precipitadamente para a rua Desnoveltes.

— E' elle! — balbuciou a joven senhora.

Conhecia o criminoso. Era o homem que segurára a sua carteira na plataforma do auto-omnibus. Reconhecêra-o pela sua abundante cabelleira vermelha.

Pensou immediatamente em si propria. Que iria fazer? Que devia fazer?

Na rua, o homem ferido volvia do seu desmaio. Um fio de sangue começava a correr pelo chão. O desgraçado talvez pudesse salvar-se, si fosse soccorrido a tempo. Mas eram 11 horas da noite e antes da ultima sessão dos cinemas da praça da Convenção, provavelmente ninguem passaria por aquella rua transversal.

Si o homem dos cabellos vermelhos, á espreita de um assalto rendoso, tivesse facilmente se apoderado da carteira de Sofia, não teria vindo apunhalar aquelle transeunte. E, agora, ella ali estava, olhando o moribundo, paralizada e incapaz de soccorrel-o. Poderia descer á portaria, falar á porteira ou gritar da escada, avisando-a do que occorria. Mas tudo isso significaria a intervenção judiciaria, a obrigação de ir depôr como testemunha, o apparecimento do seu nome nos jornaes, que Berland leria no outro dia em Avellond...

E o ferido gemia de mais em mais; erguia-se e volvia a cahir sobre o solo, extenuado.

Sofia Berland não teve mais tempo, porém, de discutir com a sua consciência. Um omnibus passou, ruidosamente, pela rua Desnoveltes e, quasi ao mesmo tempo, outro pela rua Vaugirard. Não tardariam em auxiliar o desgraçado que incessantemente gemia.

O sangue já attingia a calçada, correndo pelo leito da rua.

Não se enganára: percebeu um ruido de passos e logo uma carreira. Esperaria que soccorressem o ferido para recolher-se aos aposentos. Ou melhor: aguardaria a chegada de Marlier, que não podia tardar. Narrar-lhe-ia o drama e volveria á casa, pois a noite já não podia ser de amor, depois da tragica aventura de que ella fôra a testemunha silenciosa. Marlier comprehenderia...

Um homem chegou correndo e inclinou-se para o ferido. Era Marlier! Sofia adivinhou-o, mais do que si o tivesse reconhecido. A sua silhueta lhe era familiar. Do lado da rua Vaugirard já se ouviam outros ruidos de carreiras. Começava a chegar gente ao local do drama.

Que fazia Marlier? Erguêra-se e ganhára, correndo, o lado opposto. Sofia perdeu-o de vista um instante, mas comprehendeu logo do que se tratava. Elle chamaria a porteira e, uma vez franqueada a entrada, viraria o commutador da lampada do saguão, para que a luz illuminasse um pouco a rua.

Entretanto, uma meia duzia de pessôas chegava junto do corpo e se inclinava sobre elle. O ferido fez um supremo esforço para erguer-se, estendeu o braço em direcção á porta e recahiu novamente sobre o solo. Ouviram-se exclamações e gritos inintelligiveis para Sofia. Os homens que cercavam o ferido abandonaram-no e correram em direcção á casa onde ella estava. Perceberam-se novos gritos e Sofia viu reapparecer o grupo, que arrastava Marlier para o meio da rua. Marlier debatia-se, forcejava. Bruscamente uma grande luz inundou a rua. Alguem, talvez a propria porteira, accendêra, emfim, a lampada da entrada.

Marlier continuava resistindo e gritando tão fortemente como os outros, que começavam a vibrar-lhe golpes. Dois homens, inclinando-se sobre o ferido, ergueram-no com precaução e disseram-lhe algumas palavras apontando Marlier. O ferido abriu a bôcca. Que teria dito? Immediatamente os outros recrudeceram em seus golpes contra Marlier, que cahiu, quasi junto ao ferido.

— Matam-no! Matam-no! — murmurou Sofia.

Continuava chegando gente.

A rua era agora um formigueiro. No meio de um circulo de curiosos, o ferido já não se movia. E os golpes choviam, incessantemente sobre Marlier...

De subito, dois agentes cyclistas abriram caminho através da multidão e chegaram até junto ao corpo de Marlier, que jazia, inerte, sobre a calçada, com o rosto coberto de sangue. Os agentes tiveram que sacar dos seus revolveres para defender o inspector do Ministerio da Fazenda.

Outro cyclista correu ao commissariado mais proximo afim de pedir uma ambulancia para transportar o ferido.

Sofia deixou, afinal, cahir a cortina. Dirigiu-se ao sofá, pôz a capa e o chapéu e ganhou a entrada.

— Meu Deus! — murmurou, batendo os dentes.

Antes de tudo, precisava sahir dali. Na escada reinava uma semi-obscuridade inquietante. Escutou um passo rapido que descia os degraus e aguardou um momento, antes de decidir-se a abrir a porta. Que diriam, si a vissem em tal logar e em semelhante occasião? Pensou, de subito que a policia viria ao domicilio de Marlier apenas este voltasse a si e explicasse aquelle monstruoso erro em que laborava tanta gente...

Decidiu-se, então, a galgar a rua. A escada agora estava vazia. Todos os locatarios tinham descido. Espiou do alto e viu-os misturados á multidão que invadira a entrada e discutia, vivamente. Era impossivel passar despercebida, com roupa de sahir, o pequeno véu sobre a metade do rosto, através daquelles homens meio vestidos e daquellas mulheres com agasalhos postos apressadamente sobre as camisolas.

Houve, porém, um movimento imprevisto. Todos se precipitaram para a rua. Chegava a ambulancia para levar o ferido. Sofia aproveitou esse instante e desceu, passando pela frente do cubiculo da porteira. Ninguem percebeu a sua presença. Estava salva.

Teve impetos de fugir, ganhar a rua Vaugirard, metter-se num "*taxi*". Mas começava a recobrar o sangue frio e a prudencia.

Permaneceu ali até a partida da ambulancia, ouvindo os commentarios das "testemunhas" e da porteira, que exclamava:

— Não é possivel! Um funccionario do Ministerio da Fazenda!

Sofia encaminhou-se para a esquina da rua Vaugirard, esperou inutilmente um "*taxi*" e como um omnibus apparecesse em baixo da ponte da ferro-carril de circumvolução, dirigiu-se rapidamente á parada da praça São Lambert. Chegava a tempo. Subiu á plataforma e dispunha-se a entrar para o carro quando, de repente, afogou um

(*Cont. na pag. seguinte*)

---

grito na garganta, retrocedeu um passo e esteve quasi a cahir sobre a calçada.

Ante ella, num dos assentos de detraz vira os cabellos vermelhos do assassino. Este de nada se apercebeu; olhava através do vidro as pessôas que sahiam, além da rua Olier, á rua do crime...

Sofia Berland conseguiu dominar-se. Permanecer na plataforma, de costas para o interior do carro.

— O bilhete? — perguntou o cobrador.

Estendeu-lhe uma moeda de dois francos, mas como o omnibus chegasse nesse momento á praça da Convenção, não esperou o bilhete nem o troco e saltou sobre a calçada.

— Minha senhora!... — gritou-lhe o cobrador com o troco na mão.

Sofia correu para um "taxi" vazio, que estava parado no largo do passeio.

— Rua Montpensier, 115 — disse para o "chauffeur", precipitando-se dentro do automovel.

— E' uma fujona! — murmurou o cobrador, dando o signal de partida.

E quando o "taxi" passava pelo omnibus, elle procurou distinguir a cliente que lhe déra assim um franco e quarenta centimos e não viu mais que uma massa humana enrodilhada sobre os almofadões do carro. Sofia, com os nervos desfeitos, soluçava.

Era uma mulher forte. A crise não durou muito tempo. Quando o "taxi", depois de ter atravessado a rua de Sevres, chegava ao posto da Cruz Vermelha, calculou que seria uma imprudencia regressar á casa.

Tomára precauções para que a porteira julgasse que ella estava no seu apartamento. Não, poderia justificar-se dizendo que passára a

Suprema covardia

(Continuação)

noite em casa de alguns amigos, no caso de que a chamassem para inquerito policial. As consequencias de tal mentira seriam graves. Nem tampouco iria para um hotel, onde deixaria signaes de seus passos. Tampouco poderia dizer que fôra a um theatro, quando o seu marido se achava ao lado de sua mãe moribunda...

Que faria Marlier? Explicar-se-ia certamente dizendo que fôra soccorrer o ferido e que o tinham tomado pelo assassino. Que diséra a victima para que todos o tivessem maltratado tão estupidamente?

Não se veria Marlier obrigado a falar na sua entrevista de amôr? Ella negaria. Persuadiria o seu marido de que o amigo mentira...

Mas, para tudo isso, era necessario que a sua porteira jurasse de bôa fé ter ella passado a noite em seus aposentos. Não deveria entrar em sua casa senão depois que se tivesse aberto a porta, ás 6 horas da manhã.

Correu o vidro da frente e disse ao "chauffeur":

— Leve-me aos "boulevards", á esquina da rua Richelieu.

Permaneceria num café até que este se fechasse.

Apenas deixou o "taxi", comprehendeu que isso seria impossivel. Aquella hora só havia nas ruas e nos cafés uma classe de mulheres. E não andára ainda vinte metros, quando um homem a deteve por um braço. Sofia desvencilhou-se com uma brusca sacudidela e pôz-se a correr, descendo em direcção á Opera.

Um cinema permanente salvou-a. Atirada sobre uma poltrona, até ás 2 horas da madrugada, olhava a téla sem nada comprehender dos films que se projectavam. Pensava nas quatro horas que ainda teria de passar nas ruas de Paris. Pensava no futuro... Comtanto que Marlier não pronunciasse o seu nome: Ella não imaginava nem por um momento a injustiça que praticava, mas apenas fazia o balanço das satisfações e dos aborrecimentos que lhe valiam essa simples tentativa de adulterio.

— Jamais! Jamais! — murmurava. Nunca mais tentaria enganar Berland, que lhe fazia a vida tão uniforme e tão doce. Quanto ao imbecil do Marlier, encontraria um meio de alijál-o para sempre da sua casa, depois dessa aventura. Que necessidade tivéra de occupar-se do ferido, quando sabia que ella o estava esperando, nos seus aposentos?...

A' sahida do cinema, seguiu um grupo de espectadores até a Opera. Depois, deu meia volta e, caminhando apressadamente, voltou ao "boulevard" dos Italianos e ao de Montmartre.

Ninguem a detivéra. Mas chegára aos limites das suas forças. Não podia continuar assim até pela manhã.

Uma vez no "boulevard" Montmartre, tomou uma resolução desesperada. Terminaria a noite num desses restaurantes que não cerram nunca as portas e cujas fachadas rutilavam de luz.

Entrou numa sala cheia de mulheres que fumavam e falavam quasi gritando. Passou entre as mesas olhando fixamente para a frente e foi installar-se no fim da sala.

Um empregado precipitou-se:

— Quer ceiar? — perguntou.

(Continua no proximo numero)

Os Perigos da Vida

Como os Rins Ficam Doentes

Doenças do Coração

Comer Muito! Beber Demais!

Quando tiver praticado alguma imprudencia ou extravagancia, comido demais, bebido muito Vinho, muita Cerveja, Licores ou outra qualquer Bebida Alcoolica, para não apanhar alguma indigestão ou outro Desarranjo do Estomago, do Figado, do Baço e intestinos, convém muito tomar á noite, quando fôr dormir, Duas ou Tres Colheres (das de Chá) de **Ventre-Livre** em meio Copo de Agua!

Quem sofre de indigestão, de Perturbações do Estomago e Fermentações Toxicas dos intestinos está muito arriscado a pegar as mais Graves Molestias do Coração, da Cabeça, dos Nervos, do Sangue, do Figado, dos Rins e a terrivel Arterio-Esclerose.

Para não padecer tão dolorosas Doenças, tenha o seu Estomago e intestinos sempre bem limpos e bem tonificados, usando **Ventre-Livre**

Estomago Sujo

A's vezes, sem saber porque, nós nos sentimos de repente muito incomodados e indispostos, com Moleza e grande Abatimento Geral, com Mal Estar em todo o corpo e Preguiça para fazer qualquer Esforço, até Dores e peso no Estomago, na Cabeça e no Ventre, emfim sem vontade nem coragem nenhuma de trabalhar!

Sempre que estas Perturbações aparecem assim de repente, a pessoa deve ter logo certeza de que o seu Estomago e intestinos estão muito Sujos e Cheios de Materias Putridas e Toxicas, e neste mesmo dia comece a usar **Ventre-Livre** meia hora antes do Almoço e do Jantar, para evitar que apareça qualquer Complicação Perigosa e Molestia interna ou Externa!

VENTRE-LIVRE é o Remedio de Confiança para tratar Prisão de Ventre, a inflamação da Mucosa do Estomago, Vontade Exagerada de Beber Agua, Fastio e Falta de Apetite, Gosto Amargo na Boca, Vomitos Causados pela indigestão, Arrotos, Gazes, Dores, Colicas, Fermentações e Peso no Estomago, Dores, Colicas e inflamação intestinal causada pela demorada retenção de Residuos Putridos e Toxicos dentro dos intestinos, Dores, Colicas no Figado e Hemorroidas causadas pela Prisão de Ventre!

Olhe

Ventre-Livre Não é purgante

Os Medicos sabem que os Purgantes, principalmente as **Aguas Purgativas**, os **Sáes Purgativos**, os **Pós Purgativos**, os **Xaropes Purgativos**, as **Capsulas Purgativas**, as **Tinturas**, **Pastilhas**, os **Oleos Purgativos**, os **Azeites Purgativos** e as **Pilulas Purgativas**, são todos **violentos irritantes** e, com o tempo, fazem peorar os Doentes, inflamando e causando Grande Mal aos intestinos, Estomago e Figado!

Ventre-Livre é um **Vigorizador Especial** das Camadas Musculares dos intestinos e exerce uma acção muito salutar sobre a Mucosa do Estomago e Funcções do Figado!

Por esta razão **Ventre-Livre** faz sempre Muito bem a todos os Doentes!

Use **Ventre-Livre**, que os resultados serão explendidos e garantidos!

Tem Gosto Muito Bom!

Não Esqueça Nunca:

Ventre-Livre Não é purgante

MAGO (3) — Ah, meu caro! Eu hoje — quarta-feira de cinzas — amanheci com os meus pobres nervos estragados. São muitas as razões: pessimo carnaval, o cretinismo de algumas pessôas que, para mim, redundam numa decepção; o serviço cacête na repartição; a fadiga que ficou do reinado de Momo; a vulgaridade de duas ou tres Colombinas, que cahiram do alto, e se esborracharam para sempre no meu conceito; a monotonia da minha vida que, hoje, recomeça, num ambiente burguez e prosaico, cercado de gente insipida... Uff! Tudo isso, poeta, e mais a sua carta e o seu soneto me deixaram a alma inundada de tédio e desencanto...

Não ha bom humor que se conserve de pé. Tem que fracassar, poeta. E, depois, ainda ha quem commente: "Mas, *seu* Yves, o sr. dá cada resposta aos "poetas"...

Saibam todos...

Ai de mim! Quizéra que esses, que assim falam, se sentassem, durante uma semana, nesta minha cadeira, a ler e responder cartas deploraveis de poetas e poetisas.

Emfim, vou publicar a sua missiva. Vejamos o que me diz o sr. Dois pontos:

"Snr. Yves: Saudações. Se eu não estivesse convicto até o di[a] presente de que a humanidade [tem] um defeito, aliás bem grande, não me teria dirigido ao Sr.

Eu tenho o meu "fraco": é [a] mania de fazer versos — o que certamente irá de encontro ao se[u] bom humor — e sempre nenhum[a] estetica encontro neles.

Isso de "fraco" todos os terr[i]genas, urbi et orbi, têm. O Sr., por exemplo, não deixa de ter [o] seu: Criticar os escritos dos se[us] numerosissimos correspondentes.

Mas deixemos de analise e e[n]tremos no verdadeiro assunto.

Ai vão uns versos meus, nã[o] isentos das suas criticas, para se merecerem algum destaque e[m] qualquer das paginas do *Fon-Fon*, nelas serem redigidos na integ[ra] — favor do Sr. Yves —; no cas[o] contrario (já antevejo, sem v[er] antes, o que irá suceder) o Sr. [n]os "redigirá" integralmente [na] "cesta".

Até outra, sou amigo grato [o] *Mago*."

Que as leitoras bonitas leiam [e] meditem bem o soneto que o sr. *Mago* chama, pomposamente, *[Ri]cordanza dela mia infanzia*

1

Um engenho junto a um so[lar] [antigo]
Canaviais com seus penachos [...]
Um rio ermo que passa, e man[so]
[e amigo]
Da terra que ele banha a todo [momento]

2

Mil bananeiras, um coqueiral
[imenso]
Cujos coqueiros afrontam os ve[ntos]
[daninhos]
Grandes casas rusticas, um cam[po]
[extenso]

O leite puro que eu bebia dos
[curraes,

3

Tudo isso eu relembro e choro
[tristemente.
Nesse tempo eu pedia a Deus pia-
[mente
O crescimento: queria ser rapaz!

4

E ainda hoje trago na lembrança
As minhas sãs meninices de
[creança!
Feliz se revivesse os tempos de
[atraz!

Mago."

Pergunto eu: haverá paciencia, bom humor, alegria, serenidade, que resistam e se mantenham integraes, depois que lê semelhante monstrengo literario?

O sr. acabou de estragar o meu dia, caro poeta *Mago*...

D'agora em deante, eu só tenho appetites ferozes, desejos esquisitos, allucinações pavorosas. Fuja, poeta! Fuja!

Tenho vontade de ser o Pão de Assucar, para esmagar todos os maus poetas do Brasil. Desejaria ser um leão para trucidál-os. Uma metralhadora para dizimál-os. Uma cobra para mordêl-os e envenenál-os. O oceano para tragál-os. Um automovel para esmagál-os. Uma espada para varál-os. Um fôrno para assál-os. E uma mulher para tapeál-os...

Só assim eu me vingaria, hoje, quarta-feira de cinzas, do mau humor em que o sr. me deixou, com a sua versalhada lamentavel.

Gostou, poeta?

VOLUNTARIO MUTILADO (Capital) — Meu caro patricio. E' mais como uma homenagem a São Paulo do que mesmo como um justo motivo de orgulho de minha parte, que publico a sua carta, na integra.

Aos nossos leitores. — Nesta secção prestaremos todas as informações que nos solicitem, bastando tão sómente que sejam formuladas com clareza e logica.

* * *

Toda e qualquer correspondencia designada a "Saibam todos" deve ser dirigida a Yves, nesta redacção. Mas para isso é necessario enviar-nos coupon abaixo, devidamente preenchido.

ENDEREÇO

Rua Republica do Perú, 62

Caixa Postal 97

Telephone 2-4136

FON - FON — 11 - 3 - 933

Data da consulta.................

Nome da consulente...............

....

Leiamol-a:

"Yves. Sou um paulista que vive indistincto no meio da turba, mas sou um paulista que ama S. Paulo com o coração, com o cerebro e com os braços. Amo tão profundamente a minha terra, miseravelmente sacrificada nesta hora, que sinto os olhos rasos de lagrima quando sei de alguem que o ama tambem, que o admira e que na grandeza de um gesto, indifferente ao preconceito revolucionario, traça o seu perfil de gigante.

Você tem tido essa grandeza de alma; você, a despeito de S. Paulo jugulado, tem tido a nobreza de continuar sendo seu amigo.

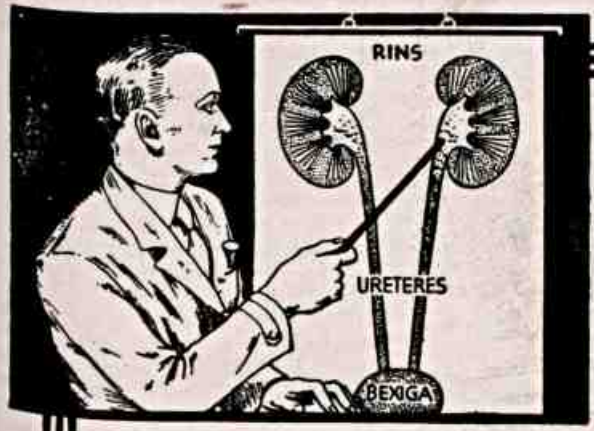
Embora perdido no meio da turba, acredite que ha em S. Paulo um paulista que, gratamente commovido, curva-se respeitoso ante suas mãos.

Voluntario mutilado".

E viva a terra, mãe de filhos que tão alto sabem dignificál-a!

MIMI (Capital) — A minha opinião é muito favoravel á sua "Canção do Oriente". E' só o que deseja?

HELIO CARLOS (Capital) — Olá, caro confrade. Estou a seu inteiro dispôr. Obrigado pelas referencias amaveis que faz á minha pessôa.

Yves

PARA RESGUARDAR A SAÚDE DA SUA FAMILIA,

addicione um pouco de LYSOL á agua para a limpêza domestica. Além de limpar, elle fará uma desinfecção completa e não superficial como acontece com os desinfectantes communs.

Onde houver creanças, uma precaução desta natureza é muito importante.

Se alguma pessôa da familia estiver atacada de molestia contagiosa, urge resguardar as demais pessôas esterilizando com LYSOL todos os artigos que forem usados pela pessôa enferma.

Em casos de accidente deve-se ter em consideração que talhos, feridas, queimaduras, etc., por muito insignificantes que sejam, podem ser infeccionadas. Devem-se banhar as partes affectadas com uma solução de LYSOL. Se obterá uma completa desinfecção sem offender aos tecidos mais delicados.

O LYSOL é excellente para a Hygiene Feminina. Uma colherinha em cada litro d'agua, proporciona uma solução de resultados garantidos, agradavel e efficaz para as irrigações vagináes. Milhares de senhoras no mundo inteiro o estão usando.

Vende-se nas Droguerias e Pharmacias em vidros de tres tamanhos.

Fabricado por Schülke & Mayr, A. G., Hamburgo

EPISTOLARIO DE AMOR

NA noite do vigésimo quinto dia que seguiu ao da morte de sua mulher, Guilherme teve, afinal, coragem sufficiente para entrar no aposento daquella a quem amára com amor tão profundo e tão feliz.

Sobretudo, queria respirar o perfume do passado ao ler de novo as cartas escriptas por elle nos momentos em que a vida os obrigava a crueis separações.

Joanna guardava toda aquella correspondencia em um pequeno cofre de ébano e de nácar, cuja chave não se afastava de seu bolso. Guilherme abriu o cofrezinho, e appareceram pequenos pacotes amarrados com fitas de diversas côres e que etiquetas classificavam segundo periodos precisos: "Guilherme na Argelia...", "Manobras de campanha", etc.

Em baixo, havia um caderninho que Guilherme conhecia bem, especie de diario interrompido, em que Joanna annotava as sensações communs do casamento, seus prazeres, suas magoas.

Mas, ao apanhar esse caderninho, moveu Guilherme uma tira de velludo que tapava o fundo do cofre. Tirou-a, e grande foi sua surpreza quando viu um enveloppe amarello fechado com cinco sellos de lacre vermelho, e que parecia conter certo numero de papeis.

No enveloppe, reconheceu a letra de sua mulher. Leu:

"Para ser entregue, depois de minha morte, a minha amiga Henriqueta Deize."

Guilherme não vacillou. Por mais leal que fosse e apesar de nunca ter aberto, em vida de Joanna, uma carta destinada a sua mulher, com gesto brusco, sem reflectir, impellido por um instincto mais poderoso que tudo, rasgou o enveloppe.

Eram cartas. Cartas de homem.

Com mão tremula apanhou uma dellas.

Começava assim:

"Minha adorada..."

Olhou a assignatura: *Rafael*.

Immediatamente comprehendeu. Durante os mezes que haviam precedido a enfermidade de Joanna, Rafael Dormeval fôra o intimo da casa. Varias vezes ao regressar ao lar, encontrára aquelle homem sentado ao lado de sua mulher. E Guilherme recordou com exactidão os silencios que acolhiam sua inopportuna chegada.

Naquelle momento, batiam onze horas no relogio da casa.

Guilherme levantou-se, deixou o aposento, apanhou sua capa e seu chapeu, e sahiu.

Um *taxi* levou-o ao club da rua dos Benedictinos. Subiu.

Em varias salas havia mesas de bridge. No fundo uma sala mais espaçosa, jogavam o bacará.

Rafael Dormeval era o banqueiro.

Guilherme poz alguns luizes em um quadro.

Alguns minutos depois, sem motivo, ou ao menos por tão futil motivo, que os outros jogadores se

Evita a carie e o mau halito.

De Maurice Leblanc

olharam com espanto insultou Dormeval de modo grosseirissimo. Houve troca de cartões e escolheram-se padrinhos.

Guilherme regressou a sua casa.

Dois retratos de Joanna adornavam a estufa. Guilherme os queimou. Depois, foi até a sala de visitas, tirou da parede o retrato a óleo de sua mulher, cortou a tela na moldura e, em pedacinhos, o queimou tambem.

Feito isso, se deitou, dormiu com bastante tranquillidade, e quando, no dia seguinte, se levantou, estava mais calmo. Parecia-lhe ter morto a morta uma segunda vez, têl-a morto nelle definitivamente, para sempre, e que nunca mais o obsecaria a espantosa lembrança da traição. Só um ser poderia perpetuar aquella recordação: Rafael Dormeval. Este ia morrer, e assim nada mais restaria do passado.

A's dez horas, reuniram-se os padrinhos. A's quatro, realizou-se o duello.

Logo que se viu deante de seu adversario, Guilherme sentiu redobrar-lhe o odio, a ira. Só então soffreu, e constatou da maneira mais profunda, que não lhe seria possivel a vida emquanto continuasse vivendo aquelle homem.

Duas vezes o atacou com suprema violencia. Foi preciso separál-os. No terceiro encontro, Guilherme novamente se atirou contra o inimigo e o atravessou de uma estocada. Dormeval cahiu. Estava morto.

Depois de se despedir de seus padrinhos, Guilherme deu um longo passeio pelo Bois de Boulogne. Nenhum pensamento o agitava. Sentia seu cérebro pesado, confuso, sem que delle pudessem desprender-se as idéas. Soffria? Havia saciado seu odio?

A' hora do jantar, se achou de novo em sua casa. Seu criado disse-lhe que, havia mais ou menos uma hora, uma senhora o estava esperando na sala de visitas. Guilherme reconheceu Henriqueta Deize a amiga intima, a confidente e quem Joanna legára suas cartas de amor.

Desde a morte de sua mulher, Guilherme não via Henriqueta, por se ter esta ausentado no dia seguinte ao daquella desgraça.

Trocaram algumas phrases. Henriqueta annunciou-lhe que acabava de chegar do Meio-dia, que afinal obtivera o divorcio contra seu marido e que tinha a intenção de casar novamente logo que terminasse o prazo legal.

—Ah! — disse Guilherme, indifferente.

E, em seguida lhe perguntou ella, com certa ceri. monia:

—Não encontrou o senhor, por accaso, entre os papeis de Joanna, um pacotinho para mim... um envelope lacrado?

Guilherme olhou a joven senhora com expressão adusta e esteve na imminencia de reprovar-lhe a cumplicidade. Mas, para que? Respondeu:

—Sim, encontrei um envelope com o nome da senhora.

—Tem-no ahi?

—Não. Queimei-o.

Ella se mostrou muito aborrecida, e exclamou:

—Como?! O senhor queimou-o? Pois não tinha esse direito.

—Não tinha esse direito?...

—Sim, não tinha. As cartas que havia no pacote me pertenciam. Joanna guardava-as para fazer-me um favor. Mas tinhamos combinado que um dia ou outro...

Ao ver que Guilherme não parecia comprehender, tornou, com espanto:

—Mas, nada lhe havia dito Joanna a esse respeito? Pobre amiga! Eu não lhe pedira tanta reserva com o senhor!

EPISTOLA'RIO DE AMOR
(CONCLUSÃO)

— Como?! Como?! — exclamou Guilherme, com uma sensação de terror.

— Pois é isso — explicou Henriqueta. — Como estava eu movendo a acção de divorcio, temi que as alludidas cartas fossem descobertas em minha casa... E tinha tanto médo de perdêl-as... Unicamente Joanna mas podia guardar, pois conhecia o segredo de minha vida.

— Que segredo? — balbuciou Guilherme.

— Ah! Não o sabe? Eu amava a alguem... a um dos seus amigos... Aquelle que com frequencia vinha aqui...

Guilherme teve a sufficiente força para articular:

— Rafael Dormeval?

— Sim; Rafael. Vamos casar-nos logo que eu estiver livre de todo. Ao sahir daqui, irei visitál-o.

Henriqueta estava de pé, já preparada para sahir. Tinha uma linda cara feliz, illuminada por sua alegria, e uns olhos que sorriam, um pouco humidos, como que enternecidos por tanta ventura.

Elle gaguejou:

— A senhora vae...? A senhora vae...?

— Sim. Vou até a casa delle. Rafael só me esperava amanhã. Que surpresa! Era por isso que eu queria levar suas cartas. Haviamos resolvido lêl-as juntos, uma vez livres.

— Escute... escute...

Guilherme teve a sensação de que enlouquecia. Comprehendia que algo formidavel e monstruoso havia occorrido. Algo que lhe deixaria uma recordação mais terrivel, mais atormentadora que a propria morte de sua mulher. Quizéra preparál-a para a espantosa noticia. Mas não sabia o que dizer. Seus labios negavam-se a pronunciar as espantosas e tristes palavras. Olhava Henriqueta, tremendo.

E, sem uma palavra, sem um gesto, tiritando de médo e de angustia, a deixou partir...

A UMA QUE FOI MISS...

VOCÊ, naquella tarde, foi coroada *miss* de nossa terra e collocaram na sua cabecinha uma corôa de lyrios que symbolizava a sua pureza. A cidade se movimentou; o céo se vestiu de azul e tudo sorriu contente quando você foi consagrada a moça mais bella da cidade! *Miss!*

E o grito da sua victoria se repercutiu lá fóra num delirio de emoções; os poetas cantaram a seducção da sua belleza; os jornaes forneceram, pormenorizadamente, á curiosidade de uma multidão atonita, e ciosa os detalhes da sua plastica harmoniosa; os esculptores transplantaram no marmore o seu corpo perfeito de deusa antiga; e eu, sómente, vi, na luz dos seus olhos, o enthusiasmo que banhava sua alma naquella tarde de verão causticante.

Pensei no successo que você iria fazer deante de meia duzia de juizes austéros. Você tinha bastante belleza para conseguir maior gloria!

Todas as moças da cidade tinham uma pontinha de inveja da sua victoria. Você começou a ser a graça dos nossos salões e a alegria de nossa vida.

Mas tudo passa... *Tout passe.*

E o delirio das emoções cessou. A gloria de ser bella banalizou-se.

E hoje, nesta tarde de verão em que a cidade palpita dentro da magnificencia deste sol luminoso, vejo-a como naquella tarde em que você recebeu a corôa de lyrios como symbolo da sua pureza e da sua formosura, recebendo a ultima corôa — a mais bella e mais justa — que mostrará amanhã, não a uma multidão atonita e ciosa, mas, ao homem que a escolher para companheira, a maior belleza e a maior gloria que é a belleza e a gloria da mãe brasileira!

EDWALDO CALMON

A claridade violenta do sol, o ar salitroso das praias, a agua do mar, não atacam os tecidos, de algodão, linho e seda vegetal, tintos com os famosos corantes

INDANTHREN

universalmente conhecidos pela sua insuperada resistencia ao sol, á chuva e ás repetidas lavagens.

Certifique-se de que a fazenda foi tinta com corantes «INDANTHREN» verificando a etiqueta registrada.

CREME
GESSY
DENTAL
CIA GESSY
GESSY
NÃO SE PRIVE DO CIGARRO - SÓ PORQUE AMARELLA OS DENTES
A privação traz desejos e os desejos não satisfeitos convertem-se em torturas. Se a satisfação delles prejudica o seu bem estar ou a sua saúde, o sacrificio vale. Mas se o unico motivo pelo qual se priva do cigarro é evitar que os seus dentes fiquem amarellos, não sacrifique a calma do seu trabalho apenas por isso.
O novo Creme Dental Gessy clareia e dá brilho aos dentes que a nicotina manchou, sem prejudicar-lhes o esmalte porque na sua formula não se contêm substancias asperas ou arenosas. Graças á sua formula anti-acida em que entra o Leite de Magnesia, evita a fermentação dos residuos dos alimentos mesmo aquelles que a escova não retira.
Depois de um dia em que muito tenha fumado, verificará, com prazer, quão agradavel é sentir a frescura que o novo Creme Dental Gessy deixa na sua bocca ao escovar os dentes.
Use o Creme Dental Gessy pela manhã ao levantar-se, ao meio dia, depois do almoço, e á noite ao deitar-se. Não tema o amarellado dos seus dentes, porque o novo Creme Dental Gessy o eliminará.
CREME DENTAL
GESSY
PRODUCTO DA CIA. GESSY S. A.
DE MANHÃ
AO MEIO DIA
Á NOITE
RADIO
Ouça, a partir de 3 de março, ás segundas e sextas feiras, das 20 ás 20,30 horas, os programmas Gessy, com Jorge Fernandes, nas estações PRAK e PRAE.
GESSY

Director: SERGIO SILVA

Rio de Janeiro, 11 de Março de 1933

ATÉ AMANHÃ... SI DEUS QUIZER...

No baile do Municipal, emquanto vibrava no ar a alegria musical dos sambas e, nas mesas floridas de mulheres bonitas, scintillava a loucura envolvente de Momo, um par feliz, que rodopiava no grande salão da platéa, compunha languidamente o seu poema luminoso de esperança e de amor.

— No carnaval — falava ella — a gente póde dizer o que sente, porque ninguem nos censura. Pois bem, meu amor: eu quero que você seja o meu eterno Pierrot.

— Para vigiar, eternamente, o coração volavel de uma Colombina? — interrogou elle.

E, depois de um silencio, olhando os olhos della, que faiscavam na noite deslumbrante:

— O Pierrot é o symbolo torturado de todos os homens que soffrem, resignadamente, as ingratidões das mulheres. O Pierrot é a figura clássica do desilludido. E eu não chego a ser um Pierrot. Sei amar apaixonadamente, mas tambem sei reagir. Não ha Colombina que me torne um vassalo dos seus encantos guizalhantes.

— Deixe de prosa, meu rutilante carnavalesco, e não cante victoria antes de terminada a batalha. A folia está em seu pleno dominio e ainda... *vae haver o diabo...* Seu coração não ha de ser differente do coração de todos os homens que amam. E todos os homens que amam não passam de pobres Pierrots das Colombinas de Cupido. Duvida?

— Sim. Duvido. Desafio o amor. Desafio o Carnaval. Desafio as Colombinas do meu destino!

A orchestra parou. Dez segundos de intervallo. E, nesses dez segundos, os olhos verdes da mulher que dançava conversando assim pousaram nuns olhos furtacôr, nuns metállicos olhos de Arlequim. O rival triumphante de Pierrot sorriu para os olhos que penetravam nos seus, e começou um novo poema de esperança e de amor dentro do Municipal carnavalesco. Poema de olhares falando a linguagem muda e forte da trahição...

— Agora eu vou dançar com o meu primo — sentenciou ella, dirigindo-se ao companheiro. — Prometti a mamãe que o procuraria. E já o encontrei.

— Mas, você tambem me prometteu que só dançaria commigo — disse elle, quasi supplicante. — Por que, então, vae fazer isso?

— Porque meu primo está na festa e mamãe póde ficar aborrecida.

— Aborrecida? Não ha razão. Aborrecido ficarei eu, si você dançar. Você, que sempre disse gostar de mim, insiste em contrariar o meu desejo. Si eu não quero é porque... não quero.

— Mas eu quero porque quero! E acabou-se! Até já...

— Não vá, querida. Não faça isso. Deixe o seu primo em paz. Lembre-se de tudo o que me prometteu. Então eu não mereço nada de você?

— Merece. Mas não agora. Meu primo está esperando... Passe bem...

E a linda foliã partiu com um *cordão* que a arrastou no turbilhão da pándega. Partiu deixando sozinho no meio do salão cheio de pares o pobre amoroso que, minutos antes, jurára não se submetter ás leis da volubilidade feminina.

Elle ficou olhando o *cordão* afastar-se e embarafustar por entre as mesas do palco, levando a Colombina daquelle infeliz Pierrot abandonado.

Quando o cordão voltou, já não brilhava nelle o verde-esperança do olhar da Colombina. Ella estava dançando com o *primo*, e vinha cantando a letra do samba que a orchestra tocava. E o Pierrot só viu que ella passava cingida pelos braços fortes de um Arlequim fantasiado de principe oriental... E ouviu a sua voz macia derramando no seu coração angustiado e solitario:

Até amanhã...
Si Deus quizer...

MARTINS CAPISTRANO

Os garotos foliões do Club de Regatas do Flamengo tiveram a sua festa de Carnaval nos luxuosos salões do Automovel Club do Brasil, onde cantaram e dançaram todos os sambas e marchas que fizeram o delirio dos outros foliões... A nossa gravura mostra um grupo desses pequenos dançarinos de Momo, que se divertiram como gente grande.

MEU CARNAVAL

Meu Carnaval foi a tua saudade, que me perseguiu em toda parte onde houvesse uma linda mulher guizalhante.

Meu Carnaval foi essa lembrança dolorosa que tu me deixaste quando, numa noite de loucura e de amor, [illegible] envolvendo as sombras da minha pobre alegria despedaçada.

Meu Carnaval foi o teu espirito guiando-me através de todos os espiritos carnavalescos e levando-me aonde não estavas, Colombina serena!

Meu Carnaval foi um pouco do muito que eu imaginei, do muito que eu sonhei, do muito que eu soffri [illegible]

Meu Carnaval ainda não passou, porque não póde morrer um Carnaval que vive da saudade de uma mulher. E tu, guizalhando na minha vida, enchendo a minha vida de harmonias, alimentas, com os teus encantos espirituaes, todas as horas delirantes do meu destino de folião.

Meu Carnaval começou quando tu partiste, Colombina, e nunca mais ha de acabar.

Mauro

O Botafogo F. C. encantou e deslumbrou a gurysada alacremente carnavalesca que, na tarde de segunda-feira gorda, encheu de graça e alegria esfusiante os lindos salões de sua séde. Momo ahi imperou e os pequenos foliões souberam render-lhe os mais expressivos tributos de... loucura.

Rendas de espuma

Maria da Gloria Jaetts... uma encantadora princezinha que deve ter feito o seu carnaval entre anões pequeninos como ella e que, de certo, prestaram as mais delicadas homenagens a essa minuscula e sorridente... Branca de Neve.

EMQUANTO escrevo, ouço, por traz de mim, e sobre o meu armario de livros, a voz roufenha do radio:

Quem espera sempre alcança
E quem muito corre cança...
Você hoje não me quer,
Mas seja o que Deus quizer...

E a plangencia das coplas carnavalescas, no rythmo da sua alegria triste, se desenrola como um chôro que canta, no silencio do meu gabinete de trabalho. E que ironia! E' a ironia dos morros.

Logo depois, vem outro samba dolente:

Linda morena...

Não! E' de mais, penso commigo, sentindo o coração machucado.

Torço, irritado, a maçaneta do apparelho falante.

Prompto.

Agora, posso pensar em você, minha garôta. Posso escrever uma palavra gentil, e aggressiva, ao mesmo tempo, para os seus olhos

A ironia dos morros

* * *

pequeninos e brejeiros, os quaes, ainda ha um anno, não viam sinão os meus, contemplativos e ennevoados de lyrismo...

*

Mas, escrever! Como escrever, si o espinho da ironia malandra continúa a ferir o meu amor em vacancia! Amor opportunista, que aproveita os descuidos, a bôa vontade dos acasos, e não vae além das interinidades amorosas das substituições apressadas. Amor vadio, bohemio, malandro. Não malandro dos morros, mas dos salões, e que, por isso mesmo, é civilizado e arguto — excessivo nos seus *élans*, e matreiro no embuste, no lôgro, na traição — principalmente si quem deve ser trahido é o bôbo do Pierrot!

*

Será possivel?

Os sambas, a maldade, a sátyra carnavalesca de Momo fére fundo a minha vaidade e o meu amor, que anda atraz de "casquinhas"...

Ah, eu não posso escrever!

Em compensação — como penso em você, minha bella pequena!

E digo como aquelle poeta de Cuba, creio que Gabriel González:

No se nació para llorar; yo rio...

Eu rio, sim...

Mas rio de mim proprio.

E sabe você por que, Colombina? Porque, já agora, verifico, tristemente, a razão por que o meu alto-falante cantava aquellas coisas maldosas.

Você hoje não me quer...
Mas seja o que Deus quizer...

E' natural.

A principio, eu julgava poder fazer de Arlequim. Si eu começara como essa personagem de lenda, agindo, bilontramente, com as victorias de D. Juan e as audacias de um Lovelace, é claro que o meu prestigio não podia decair.

Emtanto, decaia.

Decaia e decáe sem estrondo, é verdade, mas, com melancolia e amargor.

Ah, Colombina, isto é, malandrinha de olhos pequenos e brejeiros! Onde estão aquelles beijos de *rouge* e lança-perfume, que o anno passado eram meus? Onde aquelle vibrar de corpo e de alma, que eu sentia e apalpava com o meu corpo e a minha alma, no trepidar electrizante dos maxixes? Onde aquelles peccados...

Mas, ah! Por que falar no passado!

Em amor, que é um bello carnaval, não ha passado, não ha presente, nem futuro.

Em amor ha, apenas, um que muito ama, e outro que ama pouco. Um que soffre, e outro que nada soffre.

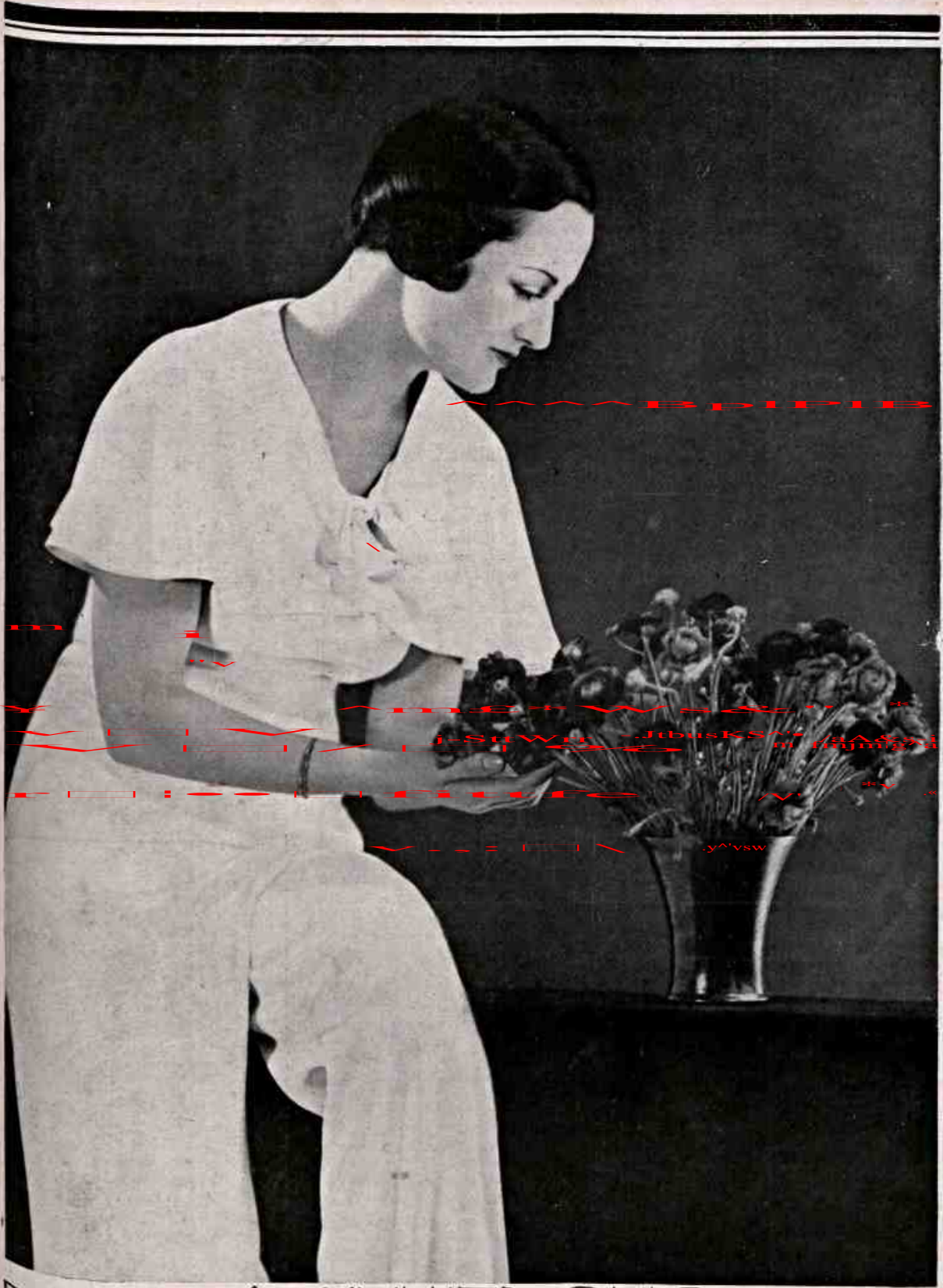
No carnaval, só ha Pierrot, Colombina e Arlequim.

Você, que é Colombina, ficará "entre les deux..."

E este anno — ai de mim! — eu é que farei de Pierrot...

"Bonne chance!"

YVES

Este pequenino «Chantecler» de plumas brancas, numa «pose» atrevidamente garbosa, conquistou o 1.º premio do banho á fantasia da praia do Flamengo. Chama-se Dinorah, a impertigada «Chantecler», linda filhinha do sr. Augusto Penna da Rocha e d. Laura Costabele da Rocha.

A MULHER CHIC

CREAÇÃO JEAN PATOU

Pyjama en satin mat blanc.

(Photo da Casa Jean Patou, especial para FON - FON).

— Ahi, hein?! Toma cuidado!...

OS preparativos para os grandes bailes carnavalescos iam sendo feitos com a maior actividade. Tudo do melhor e do mais caro!

Ella estava radiante, pois esperava fazer um successo do outro mundo... Ia ser uma *novidade*, só para moer de inveja as amiguinhas. *Elle* tambem estava maravilhado com a perspectiva do que iria acontecer. A esposa, com o genio alegre que tinha, deveria revolucionar os salões elegantes dos grandes hoteis, deveria deixar, intrigada muita gente bôa... O *outro*, apesar de *pagador* de todas as despesas que estavam sendo feitas, e das futuras, tambem não estava achando a coisa má. Pelo contrario, estava perfeitamente identificado com o casal, e os acontecimentos iam marchando em plena harmonia de vistas.

E, como philosopho, achava que o dinheiro fôra feito justamente para ser gasto com as mulheres dos amigos de bom genio... Por isso, o carnaval deste anno, para os tres, iria ser uma belleza! Elle, ella e o *outro* estavam dispostos a pintar a manta, a jogar poeira nos olhos do diabo... Quem estava achando muita graça na historia era a costureira de *madame;* tanta graça, que, quando soube que o *outro* era *pagador das tropas*, triplicou o preço da *toilette*. E como tem uma linguinha preciosa, a costureira espalhou o *caso* pelas freguezas, acabando todos por achar que o mundo é assim mesmo, que o Rio seria uma cidade de ennervante monotonia, si não fôra o Carnaval... E tudo correu como desejava e esperava a *trinca* camarada... Divertiram-se a valer... E divertiram, ainda mais, os outros... os que sabiam do caso...

A bella e pequenina senhorita, que tanto se interessou para dançar com o conhecido escriptor, no

Foi com esta fantasia de boneca que fiz o meu successo carnavalesco nos bailes infantis...

sabbado de carnaval, num club de Botafogo, não precisava mentir para fugir a um compromisso de honra.

O festejado homem de letras bem sabia que tudo aquillo era *fita*. *Fita* carnavalesca, e que havia de passar na quarta-feira de cinzas...

Mlle. punha toda a sua ternura na voz, para convencêl-o de que estava apaixonada por elle, e que aquelle romance proseguiria no baile do Hig-Life. Pura dissimulação. Simples fantasia que ella maliciosamente architectára.

Bom psychologo, o nosso heróe nunca se enganára com a pequenina boneca de olhos pretos. Elle tinha certeza de que a fingida queria apenas dar expansão aos seus ardores carnavalescos.

O moço seria, para ella, o feliz Arlequim de uma noite. Isto é, do ruidoso sabbado gordo. Pierrot, o joven moreno, com quem ella palestrou, furtivamente, emquanto o escriptor tomava logar em uma mesa conhecida, no intervallo das danças, ali estava para atrapalhar qualquer "investida" do intellectual...

O que Mlle. queria era uma innocente aventura de carnaval. Si conseguiu ludibriar Pierrot, que nella tanto confia, não logrou o mesmo com relação a Arlequim. Digamos antes, o escriptor...

De sorte que, si "tudo aquillo" — promessas, cerrar de olhos, langues suspiros — tinha de passar com o reinado de Momo, era inutil tanta mentira, tanto fingimento, inclusive a historia mal arranjada na segunda-feira, da ilha de Paquetá...

Bahiana estylizada, com tendencia para cigana...

…cantadora, sob todos os aspectos, foi a «matinée» infantil que o Alhambra offereceu á petizada carioca. Foliã, por excellencia, a garotada que se movimentou nos salões da conhecida casa de diversões demonstrou, de maneira …loquente, o seu enthusiasmo carnavalesco.

Alto-Falante

CARNAVAL

— VENS ou não vens?
— Não! Já te disse que não!...
— Está bem. Pois eu vou, sabes? Tem graça, até no carnaval queres escravizar-me! Liberto-me hoje, ouviste? Já não tolero esta vida assim. Não falas? Estás mudo?...

Moreninha querida.
Da beira da praia...

— Estás ouvindo? Fala! Mexe-te! Olha que não estou de brincadeira, não!

Allô, John, come bach
[p'ra folia...

— Meu Deus, que homem, que horror, que vida de inferno! Todos brincando, todo mundo se divertindo e eu... em casa, trancada a quatro chaves!
— E o dinheiro, hein? Gastamos, agora, o que temos e... depois?
— Depois?... Ora, meu maridinho querido, depois... será o que Deus quizer. Sim, queridinho, sim, vaes divertir a tua mulherzinha, não vaes?

— Allô, John come bach
[p'ra folia
Se no have money não
[faz mal...

— Vês, queridinho "se não ha dinheiro, não faz mal..."

"Linda morena, morena, morena que me faz pe-
[nar...

— Ah! Viva o meu maridinho, que já começou a folia alegrando a mulherzinha delle!
— E as fantasias, Lú?
— Ora, de "malandro", eu e tu!
— Eu fantasiar-me de malandro? Um homem sério, como sou, com quarenta e tantos no costado, Lú!
— Bobinho! Ha lá idade para o carnaval. E, depois, és bem moço e forte ainda. Tu é que te fazes velho com este teu geitão austero, sizudo...
— Então, queres mesmo?
— Se quero!

— Escuta, eu fui um folião perigoso, farrista de primeira ordem... Depois que te conheci e amei é que mudei. Abandonei tudo... Farras, mulheres, cabarets, etc. Agora, estás a tentar-me arrastando-me para o mal caminho... Depois, se eu me exceder, não te queixes... A culpa é tua, só tua... E, dito isto, caiamos na folia...

Deixa estar, gavião
Que este galho ha de
[quebrar
E, então, eu quero ver
Como vaes te arranjar

— Carlos, ouve-me...
— Dize...
— Promettes-me uma coisa?
— Que coisa?
— Não bebes...
— Carnaval em secco! Estarás louca, meu amor!
— Não bebes, não dansas sinão commigo, não flirtas, não...
— Então, desisto. Isso é lá carnaval! Carnaval é folia rasgada, é orgia, é maluquice completa.
— Pois bem, será como quizeres, mas eu fico com o direito de fazer o que me der na telha...
— Hein? Não, senhora, assim não...
— E por que não?
— Queridinho, sabes, não vale a pena discutirmos... Vamos farrear. O carnaval não tem leis. Será o que der e vier...
— Sim, vamos. Depois...
— Ora, depois... Sempre este depois impertinente!
— Tens razão. Vamos.
— Vamos!

Linda morena, morena, morena que me faz pe-
[nar...
A lua cheia, que tanto
[brilha
Não brilha tanto quanto
[o teu olhar...

MAX LINDER

O olhar brejeiro da bailarina oriental diz, apenas: «Sou um enygma». O da garota do automovel, significa: «Sou feliz neste carnaval».

[illegible] e alegre foi o baile infantil com que o Club de Regatas Botafogo brindou os petizes, filhos dos seus illustres associados. Nos salões do apreciado club a garotada feliz, representada pelos dois sexos, dançou, cantou e saltou, demonstrando, assim, que ser bom carnavalesco é privilegio do carioca. Houve entre os dançarinos larga distribuição de doces e brinquedos.

FRIZOS

Nesta manhã de sol, em que tudo é uma nota palpitante na scenographia da natureza, você veiu alegrar a solidão da minha vida com a promessa rutilante do seu sorriso. Você veiu reviver, depois de tão longa e angustiosa ausência, os momentos de felicidade que alimentaram nossos sonhos naquella cidadezinha do interior, onde os nossos encontros furtivos tinham, invariavelmente, a cumplicidade do luar...

Você veiu trazer-me o encanto da vida e a luz de todas emoções sentidas.

Você chegou!

E lá fóra, numa harmonia berrante de côres, o azul infinito do céo e o verde vivo da floresta parecem querer assignalar a sua chegada!

Nesta manhã de sol, em que a natureza é um só grito de enthusiasmo, você chegou para a alegria do meu amôr!

Você veiu reviver a grande illusão que a distancia tinha amortalhado cruelmente...

Você veiu!

Tenho impetos de dizer, agora, ao céo, ás arvores que farfalham ao longe, á fonte que passa cantando em surdina e ao regato que passa gemendo em silencio, que eu sou feliz!

Eu sou feliz porque você chegou para a alegria do meu amôr!

— Para você se considerar perfeitamente feliz, que desejaria possuir?

— Sòmente uma coisa...

— Ouro?

— Não...

— Mulheres?

— Não...

— Que, então?

— Unicamente o seu amôr...

Você surgiu na minha vida numa luminosa manhã de primavera. Você trazia nos cabellos côr de ouro a côr metallica do sol e dentro dos olhos azues um pedaço do céo azul!

E' por isso que eu, hoje, amo o céo e adoro o sol...

A Lua, namorada inexperiente, tem medo de receber os beijos do Sol. Amam-se, mas não se approximam...

Eu já tive uma namorada igualzinha á Lua...

EDWALDO CALMON

Tambem o Club Germania proporcionou linda festa carnavalesca aos filhos de seus associados, que tiveram uma tarde rutilante na «matinée» infantil de segunda-feira gorda.

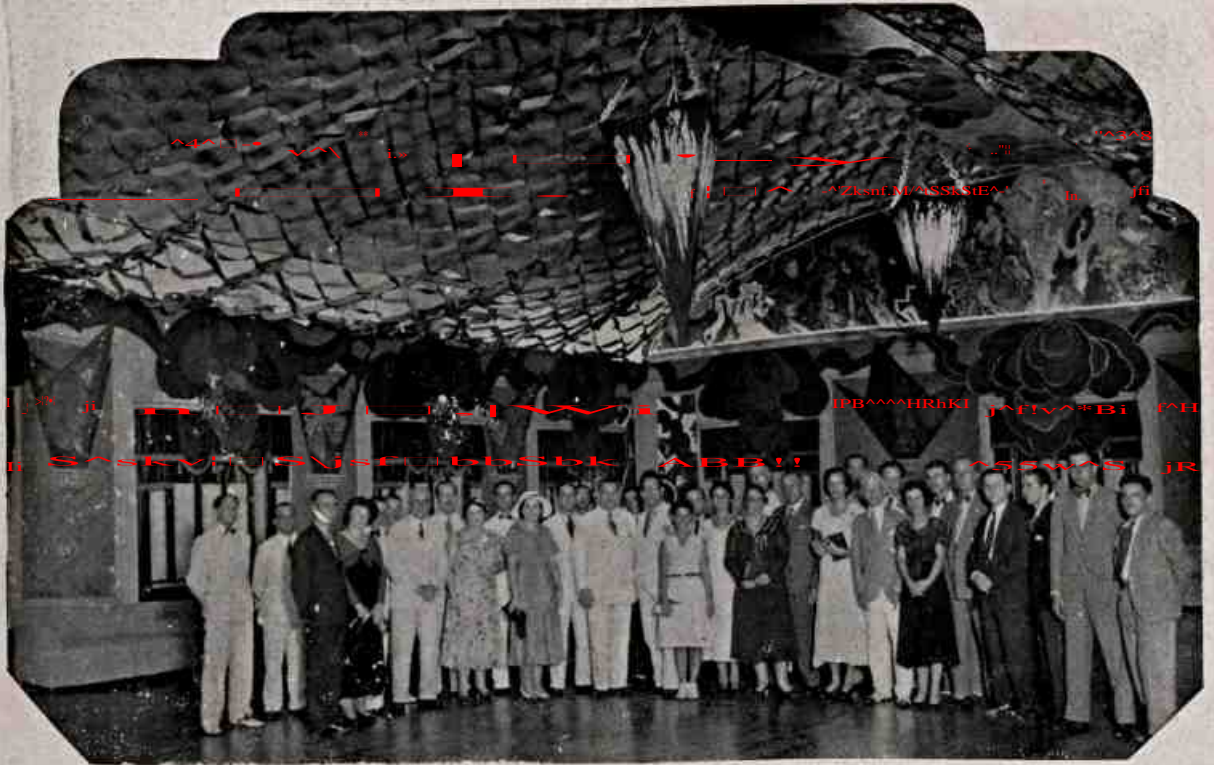
SABEDORIA

A gratidão é como a bôa fé dos negociantes, que sustenta o commercio. E si pagamos, não é porque seja justo saldar nossas contas, mas para encontrar mais facilmente pessôas que nos emprestem.

La Rochefoucauld

A sociedade austriaca domiciliada nesta capital realizou o seu Carnaval nos salões do Club Germania, á praia do Flamengo, onde promoveu um baile á fantasia que se revestiu de grande brilho carnavalesco e mundano.

Não é só o luxo das fantasias e o número dos carros que compõem o cortejo formidável, que fazem a graça e o encanto do côrso, nos dias do Carnaval carioca. E', mais que tudo, a alegria esfusiante que afeita os semblantes femininos que desfilam nessa parada de sorrisos e emoções. Nesta pagina reunimos nova documentação do que foi o côrso de 1933.

Outros flagrantes e outros sorrisos do côrso carnavalesco na avenida Beira-Mar.

O Tijuca Tennis Club, cuja participação nos imponentes festejos carnavalescos deste anno foi das mais brilhantes, prestou á imprensa significativa homenagem, offerecendo um «cock-tail» aos representantes do jornalismo carioca, ao qual antecipou o prazer de apreciar, no dia 24 de fevereiro, a original e artística decoração, em estylo russo, dos luxuosos salões de sua séde. A gravura acima focaliza um aspecto dessa visita da imprensa á séde do querido centro social da rua Conde de Bomfim, nas vesperas da grande folia carnavalesca de 1933.

Os jornalistas do Comité de Imprensa do Touring Club do Brasil, nas vesperas do Carnaval, reuniram-se no Departamento de Publicidade daquella instituição, com o fim especial de tributar expressiva homenagem de sympathia ao dr. Lourival Fontes, director geral da secretaria do gabinete do interventor do Districto Federal, por motivo de sua dedicação e efficiente actuação na organização dos festejos de Momo no anno corrente. Na gravura acima apparece o dr. Lourival Fontes no meio dos jornalistas que lhe prestaram essa significativa e justa homenagem de apreço.

A honrosa escolha do nome do nosso illustre patricio, professor Brandão Filho, para membro da Sociedade de Cirurgia de Paris offereceu aos seus amigos e admiradores o mais grato ensejo para uma manifestação de sympathia ao notavel cirurgião e figura das de maior destaque nos circulos scientificos do paiz. Com o louvavel proposito de homenagear o eminente professor, seus distinctos assistentes tomaram a iniciativa de offerecer-lhe um almoço no restaurante do Lido, associando-se aos mesmos varios vultos representativos dos nossos meios medico e social. E' um aspecto desse almoço o que reproduzimos na gravura acima, em que se vê o professor Brandão Filho cercado pelos amigos e collegas que o homenagearam.

FILIGRANAS

Conta-se que, na manhã da batalha de Actium, Octavio Augusto encontrou um burro tangido por um homem do povo, que se pôz a zurrar fortemente ao aproximar-se o imperador. César perguntou ao dono do animal como este se chamava.

— Triumphus, respondeu-lhe o homem.

Augusto ganhou a batalha, lembrou-se do asno prophetico, mandou fazer-lhe a estatua em bronze e collocal-a no Capitolio.

Escutae o perverso commentario dum grande espirito sobre a anecdota celebre: «Cela fit un ane capitolin, mais un ane.» E a premissa ainda mais saborosa: «Les grandeurs ne diminuent pas les oreilles.»

Por occasião de sua posse no alto cargo de superintendente do Ensino Secundario, o dr. Agricola Bethlem recebeu expressiva manifestação promovida pelo Syndicato dos Professores, instituição de que o illustre patricio foi presidente durante bastante tempo. A essa significativa e carinhosa demonstração de sympathia e apreço associaram-se varios outros elementos, inclusive funccionarios da Directoria Geral da Educação, inspectores do ensino secundario e numerosos amigos e admiradores do dr. Agricola Bethlem. A photographia que estampamos focaliza um aspecto da brilhante manifestação ao novo superintendente do Ensino Secundario.

O baile infantil á fantasia, de 2.ª-feira gorda, promovido pelo Movimento Artistico Brasileiro, no Studio Nicolas, em homenagem á imprensa, foi realmente uma linda festa de arte e de carnaval. Alegria, deslumbramento, belleza, — tudo proporcionou Nicolas á álacre gurizada que alli se reuniu para festejar Momo.

Decorreu num ambiente de animação e inexcedivel enthusiasmo a «matinée» infantil realizada domingo de carnaval nos salões do Gremio Republicano Portuguez, em homenagem aos seus dignos socios. A petizada alli reunida, e, com ella, a «gente grande» que a acompanhava, tiveram um domingo de carnaval cheio de risos, de alegria... Um domingo... cheio...

O Orfeão Portuguez abriu, domingo de carnaval, seus amplos e lindamente ornamentados salões para um baile infantil á fantasia offerecido aos filhos de seus associados. Momo foi alli festejado a rigor, correspondendo a festa da querida sociedade ao desusado interesse que vinha despertando.

O Centro Gallego festejou o triduo de Momo com um animado baile á fantasia realizado em seus salões. Ahi está um aspecto dessa festa de Carnaval.

SAMOSIENA

Napoleão, o gigante estrategico, que havia brilhado na "Batalha dos tres Imperadores", parecia indeciso ante o desfiladeiro de Samosiena.

Tres ataques consecutivos das artilharia e infantaria francezas, foram impotentes para desolajor as quatro baterias do inimigo.

E' que os hespanhóes lutavam pelo ideal e tinham deante de si a imagem da Patria.

Bonaparte ascultou a alma dos seus soldados, e gritou:

"*Les polonais, en avant!*"

E o terceiro esquadrão dos "chevaux légers" marchou.

Antes, porém, que os duzentos heróes filhos do Norte majestoso da Polonia dêssem o passo de morte, o capitão Kozietulski, que os commandava, lhes falou:

— Camaradas: ides lutar com um povo que, como nós, polonezes, defendem o culto da liberdade com soberania e altivez; portanto, todo aquelle que seja considerado arrimo de familia dê um passo em frente!

Nenhum se afastou do seu lugar, mas todos olharam ao longe, como que procurando na distancia a sombra nostalgica da terra que lhes serviu de berço.

E Wolski, o sargento do esquadrão, baixando o olhar e apertando o peito, disse:

— Capitão: eu tenho mãe, mas irei, para que amanhã, quando a Polonia, em idênticas condições, precisar de soldados, a França não esqueça nunca esta divida de honra.

E seguiram...

"Vinte minutos depois estava aberta a porta que dava para o coração da Hespanha."

Napoleão sorriu, admirando os trinta polonezes, que restavam ainda, exclamando:

— "Honneur aux braves des braves!"

Quando Kozietulski percorria o campo dos mortos, ajoelhou, reverente, deante do cadáver de Wolski:

— O heroe apertava no coração o retrato de sua velha mãe e, de olhos abertos, frios, sonhava com a Polonia...

B. Pontes

O «clichê» abaixo focaliza um grupo de carnavalescos na séde da O. N. Dopolavoro, onde o rei da Folia tambem foi condignamente festejado.

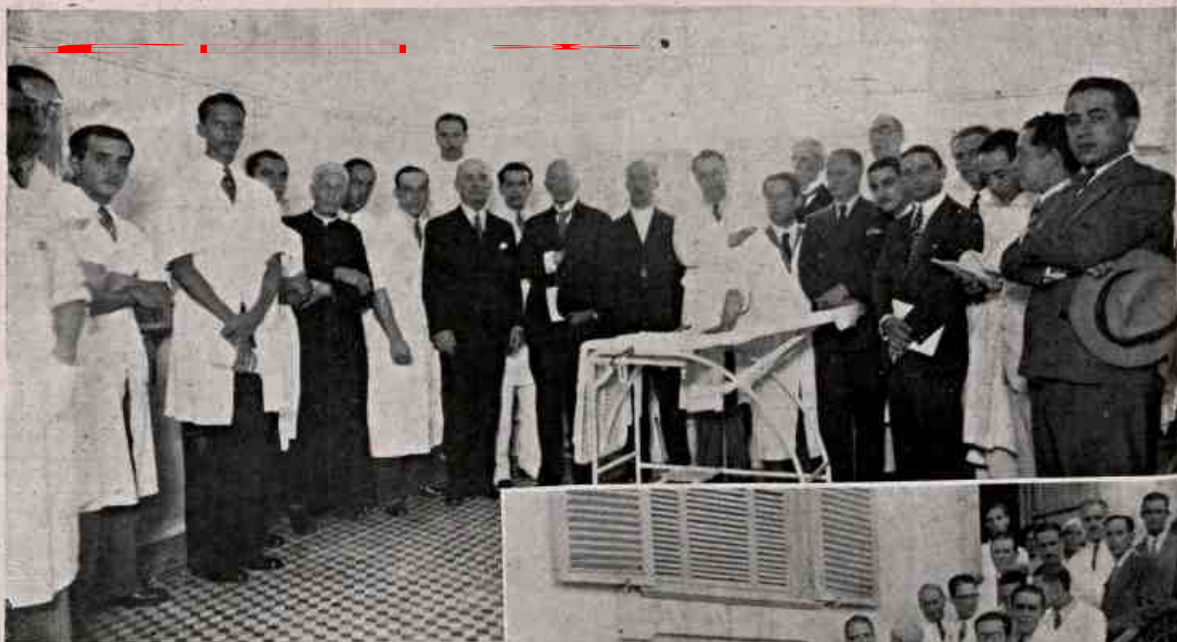
No meio de tanta fascinação carnavalesca, no meio de tanto sorriso que enchia as ruas da cidade, naquelle radioso entardecer de domingo, eu não encontrei a tua fascinação e o teu sorriso desfilando no côrso ou brilhando nas calçadas alegres.

Procurei, entretanto, melancolico e afflicto, entre os foliões que se agitavam no delirio do carnaval, a tua figura inquieta e aquelle brilho de olhar que já illuminou os mais lindos carnavaes da minha vida...

Procurei divisar-te no tumulto scintillante da mascarada.

E tu não surgiste aos meus olhos ansiosos... E tu não vieste para o meu carnaval...

* * *

O côrso na avenida Beira-Mar, domingo de Carnaval, offereceu ao carioca milhares de sorrisos lindos esfusiando na tarde quente de fevereiro. Alguns desses sorrisos estão gravados nesta pagina.

NO HOSPITAL DE S. JOÃO BAPTISTA DA LAGÔA

Inaugurou-se na semana passada o pavilhão de cirurgia do Hospital de S. João Baptista da Lagôa, a cargo do conhecido operador dr. Jayme Poggi, que tem como assistentes os drs. Murillo Fontes, Mario Fonseca, Amarilio Sucena e Arandy Miranda. Assistiram á solennidade, além dos membros do corpo clinico daquelle estabelecimento, varias figuras illustres da nossa classe medica, que se vêem nos dois aspectos do nosso «cliché». O novo melhoramento representa um grande beneficio para as populações pobres de Botafogo e Copacabana.

A pequena e galante declamadora Regina Carneiro da Luz, que na ultima festa de Gilda Abreu, realizada no theatro João Caetano, fez brilhante successo recitando os seus poetas predilectos. Regina é filha do coronel Carneiro da Luz.

VIA-CRUCIS...

A flamma ardente do desejo
Exalta, num beijo,
O coração desvairado
Do Homem apaixonado...

Mas, quando á Mulher,
Tenha um destino qualquer,
em amor...
O Prazer é sempre Dôr...

SOLFIERI DE ALBUQUERQUE

* * *

PHILOSOPHIA DA VIDA

Somente os grandes desgraçados poderão ser grandes philosophos.

* * *

Vida é uma marcha gloriosa para a morte.

PAULO DE FREITAS

Trez folias de um bloco que, unidinho, brilhou em todas as festas de Carnaval de 1933...

FON-FON no cinema

Os filhos submettiam-se á paixão materna.

Producção da JEAN DE MERLY

O REI DE PARIS

com Ivan Petrovich, Mary Glory e Suzanne Bianchetti

PEDRO GIL lutava ali em Marselha. Vindo de uma republica sul-americana, encontrava-se sem emprego. Mettera-se a dançarino num "cabaret", ganhando as esportulas que lhe davam para voltear com as damas. Isso não lhe chegava e, premido pela necessidade, foi jogar... e trapacear. Foi num desses momentos que o aventureiro Rascol o encontrou. Arrastou-o aos seus planos:

— Por que se arriscar por pouco dinheiro, quando poderiam os dois ganhar uma fortuna? Em tres mezes farei de ti um homem da sociedade e, como tal, vamos explorar essa mesma sociedade!

Effectivamente, um mez depois, estavam os dois installados no melhor hotel de Paris — o joven Don Pedro Alvarez, proprietario de inexgotaveis minas do Perú, e o marquez de Bouchelles, seu amigo e introductor na sociedade parisiense. Rascol já tinha lançado as suas vistas sobre a duqueza de Marsignac, a quem Pedro começou a cortejar, deixando-se ella, no outomno da vida, suppôr-se amada por aquelle joven elegante e riquissimo. O plano ia marchando. Já se cogitava do casamento dos dois. A Pedro repugnava aquelle papel, tanto mais que começára a gostar de uma moça, Luciana. Mal sabia elle que Luciana, por sua vez, adivinhando uma "escroquerie", queria afastál-o da duqueza. Por que? Luciana amava realmente Henrique de Marsignac, filho da duqueza, e queria evitar o ridiculo que se preparava para o nome dos Marsignac, ao qual se ia unir. Mas Henrique não comprehendeu a acção della e por sua vez começou a agir contra aquelle que fazia

A desillusão!... Elle era um criminoso.

Mãe e filha, sob o dominio do amôr.

O assalto dos «scrocs».

virar a cabeça a sua mãe. Foi com o auxilio do dectetive Amoretti, um amigo da familia, que elle se pôz em campo. E o detective agiu, indagando aqui e alli quem conhecia o joven peruano e o seu amigo marquez. A ponta da meada começava em Marselha, e de lá vinha a noticia de que o falso marquez era um "escroc", si bem que nada se soubesse do Pedro Alvarez. Era a occasião de agir.

Mas Luciana tambem tinha o seu plano. Deixou-se convidar pelo joven para ir ao seu apartamento, mas lá não foi ter sem deixar um bilhete á duqueza para comparecer á mesma hora áquelle apartamento. E foi lá que a duqueza os foi encontrar, ouvindo a declaração de amôr que á outra fazia aquelle que ella julgava só seu. Mais ainda: ouvia a confissão da propria bôcca delle, da falsidade que vinha representando... Pedro se espanta ao vêl-a, e comprehende por sua vez toda a falsidade de Luciana, que lhe declara mesmo que ama apenas a Henrique de Marsignac. Não são possiveis outras explicações, pois que o seu "chauffeur" — tambem da quadrilha — apparece avisando a chegada da policia! A duqueza, que sente amar o rapaz, quer salval-o e lhe met-te no bolso um collar de perolas, para que elle faça dinheiro e fuja da França, mas meia hora depois vem a receber a joia, na affirmação de que o caracter do joven não estava de todo apodrecido.

Pedro fugiu para casa. Lá, encontrando Rascol que se preparava tambem para a fuga. Foi então que Rascol guardava umas cartas que a duqueza lhe escrevêra, querendo fazer chantage com ellas. Pedro toma-as e as lança ao fogo. Os dois lutam por ellas, até que Rascol tomba, ferido na cabeça por um golpe do rapaz, que logo foge, a tempo de vêr que a casa era invadida pela policia. Elle foge sentindo-se perseguido por um homem... o detective Amoretti, que por fim o alcança, mas é para lhe entregar um passaporte e um bilhete de primeira classe para a America, com algum dinheiro. A duqueza previra tudo. Comprehendêra que o seu caracter era ainda bom.

Umas joias que o iriam salvar.

Um baile na côrte.

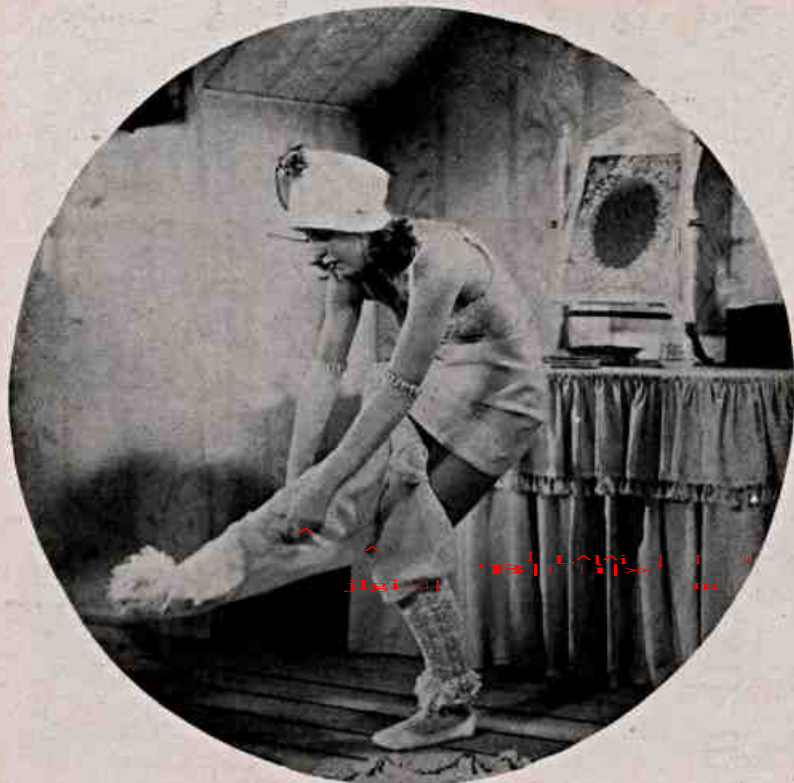
O CONGRESSO SE DIVERTE

PRODUCÇÃO DA UFA — (Versão franceza)

com LILIAN HARVEY e HENRY GARAT

O Congresso ia reunir-se em Vienna. 1814! Napoleão, Imperador dos Francezes, ante quem toda a Europa tinha tremido, succumbira e fôra recolhido á Ilha d'Elba. O deus Marte estava aprisionado, e cabia agora a palavra á diplomacia para decidir os destinos da Europa. Para isso todos os monarchas vencedores estavam em Vienna — com excepção do soberano da Inglaterra. Um verdadeiro exercito de reis e principes iam chegando, com seus sequitos, seus ministros, rainhas e princezas e suas lindas damas. Vienna passou a ser o centro do mundo. Cada dia que se passava trazia novidades e maravilhas para os viennenses: — troava o canhão, as tropas se estendiam pelas ruas. Eram os monarchas que chegavam, saudados pela multidão em delirio.

Entre os que não perdiam um só

Vienna festejava a victoria.

A linda luveira preparava-se para a festa.

desses momentos, á espera dos sequitos reaes, estava Christel, uma linda viennense. Sempre trazia comsigo um ramilhete que atirava á carruagem real, apesar da prohibição formal do chanceller austriaco, principe de Metternich. Ora, Pepi, ajudante do chanceller, era um assiduo frequentador da luvaria onde servia como caixeira a linda Christel, e a razão da visita estava mesmo naquella figurinha de boneca. Mas Christel pensava: — como se casar com aquelle insignificante, agora que Vienna regorgitava de reis e principes? Eram essas as suas reflexões, quando a caleça real do czar Alexandre I, da Russia, assomou á estrada, com o mais formidavel sequito já visto por Vienna, entre o de todos aquelles monarchas. Soavam os hymnos, ao longe se ouviam os écos das canhonadas em homenagem a sua majestade, e o prestito marchava, quando alguma coisa cahiu aos pés do monarcha... Uma bomba? Alexandre I não se perturba. Os agentes de policia atiram-se ao volume que cahiu á rua e prendem quem o atirou. Nada mais que um bouquet de Christel. Mas Metternich não gostou da brincadeira e condemnara a linda luveira a ser castigada com bastonadas. E tudo estava prompto para a execução do castigo, quando chegou a ordem de suspender. E' que Pepi obtivera a intervenção do proprio Czar, que aliás fez questão de conhecer a sua pequena admiradora. E Metternich, que assistiu á entrevista, comprehendeu logo que deveria tirar partido daquelle pequeno capricho que logo surgiu no coração e no cerebro do rei, aliás poderosamente coadjuvado pela propria Christel. O astucioso diplomata sabia que assim poderia entreter o czar russo...

E succedeu mesmo que, preso aos encantos da pequena luveira, Alexandre, czar dos russos, não queria saber da amolação de ir ao Congresso. E foi então que Bibikoff, ajudante de sua majestade descobriu um "sósia" que era mesmo a reproducção do Czar. Instruiu-o, depois de muito bem pago, para que elle substituisse o soberano nas audiencias do Congresso?... Não. Alexandre comprehendeu a manobra do chanceller austriaco e mandou o seu "sósia" entreter os amores da luveira, e compareceu ás sessões do Congresso. Em verdade pouco trabalhava o Congresso, pois que Metternich organizava festas sobre festas, para distrahir os soberanos... de modo que pudesse elle elaborar os planos mais convenientes á Austria.

Mas o Czar estava realmente apaixonado, e voltára para junto da pequena luveira. Sahia com ella para os "jardins" tão famosos em Vienna, onde a multidão se divente, bebendo cerveja e cantando. E Christel um dia teve a suprema noticia — era-lhe dado um lindo palacete para morar... Mas o que a intrigava era o seu amante — um dia frio, reservado — outro dia amoroso e expansivo.

O Congresso continua a divertir-se, ao sabor de Metternich, quando um dia estourou a bomba! Uma noticia alarmante! Chegára um telegramma para o chanceller: "Napoleão abandonára a ilha d'Elba!" E, como ao toque de uma varinha de condão, tudo se transformou. Os monarchas trataram de voltar, immediatamente, para suas terras, pois que de novo Marte entrava em scena. E tambem o czar da Russia se foi... Mas Alexandre deixára um "sósia".

Na côrte imperial de Vienna festeja-se a quéda de Napoleão.

A MULHER E A MODA

A moda é da propria essencia da mulher, como é a natação para os peixes e o vôo para os passaros.

Desde pequeninas as senhoritas e senhoras de amanhã, brincando com as suas bonecas, já procuram vestil-as com certo *donaire*, cortando saias em *forme*, fazendo pregas, bainhas de laçada, *ajours* e *roulautés*, nesse instincto imitativo que faz adivinhar na garotinha de hoje a futura Mamãe.

Todas as campanhas pela evolução feminina, no sentido das conquistas de direitos sociaes, jamais tirarão á Mulher essa paixão da fórma, do desenho e da côr, applicados á indumentaria. Riam-se os espiritos que se dizem superiores, vendo nessa preoccupação do vestuario uma prova de inferioridade feminina.

Se esses espiritos de julgamento ligeiro e facil, demorassem na analyse psychologica do bello sexo, chegariam á conclusão contraria: isto é, concluiriam que o sentimento da arte que entre os homens constitue o previlegio de alguns eleitos, existe, como que por instincto, na mulher, seja qual fôr a edade e condição social.

Esse sentimento de arte manifesta-se nessa ansia de fazer-se bella, concorrendo assim, para embellezar e alegrar o mundo.

Pois não é uma maneira de crear belleza combinar côres, harmonizar fórmas, buscar effeitos de nuanças, multiplicar a disposição de ornatos e enfeites, degeito a quebrar a monotonia da repetição uniforme do mesmo vestuario?

Imaginem que insuppontavel seria o mundo á nossa vista, se as mulheres andassem todas uniformisadas como as enfermeiras ou as religiosas?

Abençoemos, pois, a Moda que na sua apparente futilidade é a mais vibrante manifestação do sentimento artistico e do amor á belleza cultivado pela mulher que conserva permanentemente acceso e flammante o fogo sagrado da Moda.

Mas não esqueçam as senhoras que á esse culto, á fórma e á côr devem alliar a preoccupação de economisar importantissima nos dias que correm. Evitem, na confecção dos seus vestidos, as fazendas de côres não resistentes que dão apenas uma illusão passageira de belleza. Desbotando rapidamente, por effeito do sol, da chuva e das repetidas lavagens, lá se vae todo o encanto que procuravam nas combinações harmonicas do colorido. Hoje as fazendas tintas com INDANTHREN offerecem a fixidez necessaria a evitar taes decepções. Exijam do fornecedor a etiqueta registrada, unica garantia de que os tecidos foram tintos com os corantes INDANTHREN.

A canção do tropeiro

De Decio Barreto

CERTA vez, em uma cidade muito antiga, do nordéste mineiro, encrustada no coração da Cordilheira do Espinhaço, cercada, circumdada, amparada pelas magestosas montanhas de ferro, de ouro, de crystal e de granito que a envolvem, ouvi de um simples e bondoso tropeiro que, fazendo longas e tortuosas caminhadas entre despenhadeiros e valles, guiando em meio de estradas irregulares e pedregosas, a sua tropa, em dias claros ou chuvosas, em noites de luar, cantando sempre, uma phrase partida do seu coração, onde a bondade houvera feito o seu ninho macio e quente: "Seu dotô, quanto mió se é pros otro, pió se é pra gente"!

Phrase profunda, onde os sentimentos surgem em toda a grandeza da vida interior daquelle humilde homem, rude, na sua estructura physica, material, porém, maravilhosamente sublime, conhecedor perfeito das mizerias moraes do mundo.

Canta ao luar, quando, formando o seu rancho no recanto do povoado ou á margem da estrada que, ao clarear do dia terá de seguir em demanda da cidade onde irá vender a mercadoria levada no lombo pisado da tropa que, parte á sua frente, guiada por elle.

Caboclo do matto, sente-se bem, vivendo em plena natureza, ouvindo o cicio da aragem, o deslisar dos riachos em seus leitos de crystaes formados; o canto das aves, os sussurros das florestas, das mattas sempre verdes, aromatizadas de onde trescalam essencias, descidas do Céo! E' caminhando kilometros e leguas, dentro de terrenos accidentados, longe do bulicio e do borborinho dynamico e corruptor dos grandes centros civilizados, elle — o tropeiro — alma viva das mattas, das montanhas, alegre e triste, quando a crescente resurge inundando de prata celeste as cidades, as villas, os campos e as montanhas, as arvores e os arbustos, o coração da gente, os ninhos das aves de pennas colloridas feitos nos galhos mais altos, pendentes, onde o amôr, o carinho palpitam sempre, dentro do luar, da sua alma, do seu coração parte para o vasio das noites brancas, de prata, a canção de amôr-sentimento, a mais sagrada que tenho ouvido em minha vida, entrecortada sempre, de saudade e tristeza, acompanhada pela viola que chóra — a canção do tropeiro.

E, jamais, esquecerei a phrase tão cheia de psychologia e belleza, de caboclo do matto: "Seu dotô, quanto mió se é pros otro, pió se é pra gente."

E, a canção do tropeiro, mormente quando, faz lua cheia?... E' um poema de amôr-sentimento, um canto de saudade, sempre perdido dentro da noite de prata, no vasio de gente, nas montanhas, ascendendo para o Infinito, mas, ouvido pelas aves, em seus ninhos de plumas varias, pelos riachos que passam, pelos anjos e, talvez, por Deus.

CUYABANA

De Martins da Fonseca

Que devo escrever para você, cuyabana, nesta hora triste e melancolica para todos nós? Quero me distrahir escrevendo para você. Um verso? Um poema? Que? Ah! si eu pudesse escrever uma poesia, seria para offerecel-a a você, cuyabana!...

A você, que tem nos olhos o negro da tristeza, que tem a alma voltada para o bem, que tem o coração aberto para a humanidade... A você, cuyabana, que dá a gente um pouco de brasilidade, que faz a gente sentir a vida doirada quando se ouve o leve rumor de seus passos nas lages da rua Quinze ou nas da praça Alencastro, á hora feliz da Ave-Maria!... A você, cuyabana, que tem sido esquecida por suas irmãs mais felizes, por que foi morar muito distante do electrico e do omnibus, é que eu escrevo estas simples linhas, como recordação do tempo em que com você tive bastante alegria! Você, graciosa cuyabana, morando tão longe da gente, numa terra onde o Brasil tem o ponto final dos seus dominios, tem a magia de realizar o maximo do impossivel, num paiz em que tudo é muito imitado e reproduzido, que é ser original! Em você tudo é original, proprio, muito pessoal! Em você, a "maquillage" é uma offensa, o exaggero da toilette é trahir o proprio sentimento, a attitude cinematographica é trazer para sempre o cartaz do escandalo! E' por isso que eu admiro você, cuyabana! Seus olhos negros, que symbolizam a tristeza, são para mim o reflexo de um amor mal correspondido, [illegible] Passeiava com as [illegible] pelas ruas bonitas do Brasil. Seus olhos negros que fazem lembrar aquellas noites tristes da praça Alencastro, perturbadas pela victrola do Bugre ou pelo vento malvado que açoitava os coqueiros altos derrubando-lhes as folhas seccas pelas lages claras da luz do luar — seus olhos negros são os eternos namorados das coisas lindas que tem o mundo. Sua pequena bôcca de lacre, levemente manchada pelo escarlate do "batton", serve de tabernaculo para o admiravel collar de seus dentes formosos e onde, nas manhãs festivas do Divino, se desmancham finos doces e gulodices outras... Você, cuyabana, tem esse singular e expressivo requebro do corpo esculptural, esse meneio que faz a gente sentir qualquer coisa por sobre o pensamento, e que deixa, ao passar, o perfume fino de sua carne estuante de mulher cheia de vida e de amôr. Você, cuyabana, quando enfeita a praça Alencastro com o seu sorriso primaveril e as suas maneiras discretas de moça bem educada, faz accender desejos peccaminosos nos olhares indiscretos daquelles que alli ficam como que prestando homenagem a você, cuyabana! Por tudo isso e mais alguma coisa, é que você, cuyabana mostrando-se ás suas irmãs, é tida como moça fóra de moda, e muito longe do progresso. Puro engano! Você, Cuyabana, ainda não perdeu o sentido real da vida e da humanidade — tudo em você é proprio e pessoal, despido de fantasias... E quando você, cuyabana, por mim passava na rua 15, á tarde, já quasi ao morrer do sol, eu tinha tanta vontade de lhe falar, de lhe dizer muitas phrases bonitas, mas, você, cuyabana, não olhava para mim. Eu não era do logar... Que mágoa sentia por não ser da sua terra, dessa terra cheio de ouro e de pedras preciosas!...

Um dia, a sua irmã mais moça, moderna, que se veste pelos últimos figurinos, que põe o cigarro na bôcca com a maior naturalidade possivel, que toma chá nos salões da moda, me chamou para acompanhál-a a uma festa, e depois não me deixou ir mais para perto de você, cuyabana galante! E aqui estou, minha Tanagra adoravel e graciosa! Imagem fugida de Watteau! Cuyabana amavel! E é com verdadeiro enthusiasmo, nesta hora triste para a nacionalidade, que eu a saúdo com respeito e doçura, e beijo sua mão, receiando desmanchar o "batton" de seus lábios...

Notas de Arte

ANTONIO PARREIRAS. — Commemorando o seu jubileu artistico, o grande pintor brasileiro Antonio Parreiras realizou na Escola Nacional de Bellas Artes de janeiro a fevereiro ultimos a sua 62.ª exposição, com 122 quadros, ou mais ou menos 1/10 de todas as suas telas, suppondo-se que durante os 50 annos de incessante labor tenha pintado cerca de 1000 — hypothese admissivel desde que se sabe pelo proprio artista (*Historia de um pintor*, pag. 134) que até 1924 havia pintado 850.

Numa vista de conjuncto, o que impressiona immediatamente é a harmonia entre o homem e o artista.

Vêlo e conversálo é conhecer um temperamento impetuoso e apaixonado; capaz de provocar ou repellir todas as aggressões pela força da razão ou pela razão da força; franco até á rudeza; descommedido no elogio ou na censura; espirito profundamente inquieto, emmaranhado e revolto como a sua original cabelleira.

Como o homem, é o artista.

Sente-se nos quadros do pintor toda a vida irrequieta, todo o genio impulsivo do homem.

A exhuberancia das linhas e das côres, as fortes pinceladas, caracterizam, senão todos, os principaes trabalhos do nosso grande poeta da fórma. Figurista ou paysagista, Parreiras imprime ás figuras e ás paysagens extraordinario vigor. Vê-se-lhes, quasi se lhes apalpa o relevo.

Dentro da Floresta e *Modelo em repouso* são dois quadros-typo. Ambos nos dão essa grande impressão de belleza e de verdade. Sentimo-nos transportado á matta virgem e contemplamos de facto uma mulher em repouso.

Como esses, outros muitos quadros revelam todo o poder communicativo do artista. Taes — *Rochedos do alto mar*, *A queimada*, *Sudoeste-Ponta-Negra*, *Dowda*, *Flor do mal*, *Bandeirante* e *Retratos de selvagens brasileiros*.

Mas a arte de Parreiras não se

limita ao retrato, á paysagem, á marinha, aos quadros de genero, vae além, cultiva a pintura historica. E' dos pintores brasileiros um dos que mais têm fixado na tela grandes acontecimentos e grandes heróes da historia do Brasil.

Para dizer como o poeta — Do Amazonas ao Prata, do Rio Grande ao Pará — encontram-se telas grandes que são grandes telas, onde o pintor patricio idealiza successivamente:

A Conquista do Amazonas (Pará), *Fr. Miguelinho* (Rio Grande do Norte), *José Peregrino* (Parahyba do Norte), *Felippe dos Santos* (Minas), *A Morte de Estacio de Sá* (Rio), *A fundação de S. Paulo* (S. Paulo), *A proclamação da Republica dos Farrapos* (Rio Grande do Sul), e outros.

Desses quadros figuram na 62.ª exposição alguns croquis, avultando entre elles o de *Felippe dos Santos*. Do mesmo genero é de citar-se o quadro — *Tiradentes em caminho do supplicio*. Sente-se que o artista pintou com alma os dois heróes das revoluções mineiras de 1720 e 1789.

Sahimos da pinacotheca exposta, após duas rapidas visitas, com a alma cheia de variadas e bellas emoções. Certo não foram as que podiam ter sido se a visitassemos mais demorada e frequentemente, e se de alguns em vez de simples *croquis* tivessemos contemplado os proprios quadros, mas ainda assim nos ficaram bem fortes impressões. Entre ellas, uma que a todos dominou foi a deixada pelo soberbo nú — *Modelo em repouso*. Conhecendo-o ao par de *Phantasia*, *Phrynéa*, *Dolorida*, *Nonchalance*, *Flôr brasileira*, *Flôr do mar*, e outros quadros esses, quasi todos, que conhecemos por croquis ou photographias — não se tem duvida em reconhecer que Parreiras não é notavel somente como paysagista, — mas tambem como pintor do nú. Talvez mesmo não se erre dizendo que o segundo excede o primeiro. Mas paysagista ou figurista do nú, revela a paleta suggestiva de Parreiras o mesmo esplendor de linhas e de tinta, a mesma força communicativa, o mesmo fluir exhuberante de cada recanto da paysagem, de cada encanto da mulher.

Quaesquer que sejam as restricções que possam fazer os technicos á sua arte, a verdade é, que balanceando qualidades e defeitos, o saldo é de todo favoravel ao artista. Antonio Parreiras, entre vivos e mortos, é um dos maiores pintores brasileiros. A sua exposição jubilar foi a consagração do grande artista.

OSCAR D'ALVA

P. S. Por não terem sido publicados na integra os nossos versos citados em a ultima *Nota de arte*, aqui os reproduzimos:

BERTA SINGERMAN

Vasia a scena está. Mas, num [*instante,*
Eis que toda ella se enche e se [*illumina.*
Ao palco assoma, altiva e deslum- [*brante,*
Sacerdotiza da arte peregrina.

Pára e contempla a multidão vi- [*brante,*
Ameiga os gestos; o semblante [*afina;*
Enfuna a veste, e, passaro can- [*tante,*
Modula a voz á inspiração divina.

Pouco a pouco a mulher se trans- [*figura:*
Magicamente assume novos traços;
De Musa do Verso é a sua figura...

E o poema vivo ecôa na platéa,
Dos olhos e da bocca, mãos e [*braços...*
Todo o seu corpo canta a melopéa.

O. D'A.

UMA HISTORIA TRISTE...

FOI numa noite tempestuosa que conheci Maria das Dôres. Ainda não conheci, até hoje, nome mais adequado. No céo negro não havia uma unica estrella luzir. De quando em quando linguas de fôgo lambiam o firmamento e os trovões ribombavam de canto a canto, soturnamente. A chuva cahia ininterrupta, alagando tudo. As ruas, desertas. Os lampeões electricos, tristes, macilentos, aluminavam sua propria sombra. Através das venezianas da minha casa de solteiro, eu olhava, melancolicamente, a dança da chuva sobre o asphalto, quando um vulto de mulher bateu apressadamente á porta. Abri. E, com enorme surpreza e uma piedade que se não póde descrever, defrontei com uma moça chorosa que teria, talvez vinte e dois janeiros. Vinte e dois annos radiosos. Mas, na sua physionomia, notava-se, á primeira vista, estragos de insomnias e de desgostos profundos. A roupa fina, de sêda, molhada, collada ao corpo, desenhava-lhe a pureza das formas magnificas. Tiritava de frio. N perturbação do primeiro instante não soube bem o que fazer. Perdi a noção do raciocinio ante facto tão extranho: uma moça nova e bonita, apparentando uma educação esmerada, sozinha, áquella hora, sob a inclemencia de uma noite tormentosa, que me batia á porta com lagrimas nos olhos e frio no corpo, tudo isso mergulhou-me, por um instante, um instante apenas, numa especie de torpôr, de somnambulismo. Em seguida, recuperando a calma, dei-lhe um calice de *chartreuse*, offereci-lhe uma capa e mostrei-lhe o quarto para que trocasse de roupa. Acceitou tudo sem uma palavra, sem um gesto de acquiescencia ou de reprovação. Machinalmente. Automaticamente. E, já com a capa sobre o corpo bonito, reanimada pelo licôr generoso e pelo ambiente interior, ella fitou-me longamente, docemente, reconhecidamente, e falou:

— Tudo isto lhe deve parecer muito extranho. E não o deixa de ser, realmente. Uma mulher que nos invade a casa, altas horas, molhada até a medulla dos ossos, tiritante e, de mais a mais, sendo esta mulher nova e bonita, é para causar extranheza ao mais pacato dos mortaes. Não faltarão, por certo, homens por ahi alem, aos quaes, uma visita assim, causaria o maior dos prazeres. Talvez, mesmo ao senhor... No emtanto, até esse momento, não ouvi de si uma palavra pouco amavel ou desrespeitosa. Melhor assim. Pelo menos tenho a impressão bôa de que me confiei á guarda de um homem de bem. E supplico-lhe que mate a illusão que me domina, até que me conheça como verdadeiramente sou.

"Chamo-me Maria das Dôres. Unicamente. Tristemente. Faço, mesmo, questão de chamar-se só assim. Não terei, desse modo, que arrastar um sobrenome de familia para mim immensamente detestavel... A minha idade pouco ou nada lhe interessará. O meu passado é negro e o meu presente... uma noite de relampagos e chuva. Sou casada. Ha cinco annos. Nesse maldito lustro de tempo passei por todas as provações. Provações moraes, unicamente. Na minha casa faustosa sempre sobrou *champagne* e convivas. Meu marido, um banqueiro de 62 annos, devasso, enchia o meu lar de amigos tão libertinos como elle, e de mulheres que se vendem... Emquanto as taças se tornavam roseas á luz dos *abat-jours* e os risos de deboche enchiam a sala guarnecida de crystaes, eu, a cabeça enterrada nas almofadas da minha alcova de casada, apertava os ouvidos para não ouvir o barulho do festim de libertinagem. Vivo assim ha quatro longos annos. Tive, apenas, um anno de socêgo. Não de felicidade. Esta nunca rondou a minha

De Gilberto Veiga

porta. O meu casamento foi obra da minha obediencia filial. Descendente unica de um velho militar, creada sem os desvêlos de uma mãe, ao attingir os 17 annos fui forçada pelos rogos de meu pae que se dizia doente, a casar-me com o capitalista Dias Lopes, sem amal-o e sem ter mesmo, por elle, a menor sympathia. Esse typo sequestrou-me com a sua bolsa recheiada, já que não o conseguiu com os suas palavras lambidas de libertino contumaz. Onze mezes após o meu matrimonio, meu velho pae fallecia, victimado por uma congestão pulmonar. Dahi para cá augmentou a minha via-crucis. O senhor meu marido a principio me dedicava um ciume feroz, talvez, desconfiado dos seus meritos physicos e da desproporção da nossa idade. Esse ciume, porem, embora sendo uma injuria lançada á minha virtude, em parte me confortava, por, que, eu o julgava capaz de amparar-me, de proteger-me. Enganei-me. Poucos dias após a morte de meu velho pae, abandonou-me ao luxo de um palacio, como si isso bastasse para a minha alegria, para a minha vida, para a minha mocidade. E não foi tudo. Aos poucos transformou esse mesmo palacio num antro de devassidão. Si ha muito não o abandonei foi, unicamente, por ser só no mundo e temer um escandalo ruidoso... Hoje, porém, fechei os olhos a tudo isso e desertei para nunca mais voltar. Não pude supportar a ignominiosa affronta que me foi atirada, como o ultimo labéo infamante: fui ao cinema em companhia de uma unica amiga que reside no outro lado da cidade. Um amiga pobre, unica herança que me coube dos tempos bons de solteira. Ao voltar, depois de tel-a deixado em sua residencia modesta, mas, feliz, encontrei o meu quarto, unico reducto intangivel até então pelos desregramentos do senhor banqueiro, occupado pelo meu esposo e... uma companheira momentanea. A' minha revolta uma gargalhada de scarneo, de menosprezo. Não resisti a tamanho insulto. Deixei o lar, como louca, maldizendo para toda a minha vida a memoria daquelle homem repellente, dquelle reprobo detestavel. Depois de haver pedido, supplicado ao *chauffeur* que me conduzisse á casa da minha amiga, deante da sua recusa formal, categoria, naturalmente porque elle presenciára a scena degradante e temia, em consequencia, a perda do seu emprego, sahi para a rua como estava, inteiramente desprevenida e aqui vim ter, como teria ido a qualquer outra porta que encontrasse aberta a esta hora e fôsse extranha á minha vida de casada. Vi luz, aqui e bati. Vim como a mariposa friorenta, em busca de um pouco de calor onde seccar as azas. Estou, portanto, entregue ao seu cavalheirismo, ao seu brio de homem, porque, estou certa, todos os homens não são iguaes."

Lá fóra a chuva continuava a cahir. Pelo seu rosto bonito, uma chuva de lagrimas tambem corria. Confortei-a. Enxuguei-lhe as lagrimas que lhe desciam pela face. Installei-a, prazeirosamente, no meu quarto, e passei o resto da noite numa cadeira de vime sem pregar olho. Esta vigilia e a emoção de factos tão escabrosos, tão dignos de piedade, abalaram-me os nervos por mezes a fio.

Na manhã seguinte, quando o sol rompeu, vermelho e bonito, a barra do nascente, um lindo sol de bonança para a natureza e para a alma da minha já, então, amiga, tomei o primeiro taxi que se me deparou e, em companhia de Maria das Dôres, dei o endereço da sua amiguinha de infancia. Ao deixal-a, naquella casa modesta, de suburbio, beijei-lhe reverentemente a mão macia e linda de martyr e, mentalmente, mais uma vez, achei que Maria das Dores era bem o symbolo do seu nome...

CURIOSIDADES SOBRE O ALCORÃO

Os mahometanos teem tal respeito e veneração pelo Alcorão que sabem o numero de palavras que o mesmo contem e ainda o das letras que os compõem.

77.639 palavras.
323.015 letras.

*

Claudio Morel, censor de publicidade na França, no seculo XVII, depois de examinar uma traducção do Alcorão, informou que o referido livro sagrado nada continha contrario á fé catholica e aos bons costumes.

A MULHER PELLE-VERMELHA

O pittoresco e o typico vão desapparecendo. A india bravia a mulher pelle-vermelha, a "Squaw", companheira inseparavel do apache, do "comancho", ou do sioux, que nos deram a conhecer os livros de aventuras de Cooper, de Maine Reid da de Gustavo Aymard desapparecem com sua raça: a civilização vem destruindo os primitivos habitantes do continente americano.

Felizmente, o cinema veio salvar os ultimos vestigios da interessante raça e a elle recorreu a "squaw", para poder sustentar-se, e a seus filhos, desde que a tyrannica civilização se apoderou das terras em que ella e os seus, livres e felizes, viviam sua vida de dramaticas aventuras.

Algumas vezes, nas ruas de Nova York ou de Chicago, o estrangeiro, o turista se detem para contemplar um grupo de mulheres indias que passam com seus pittorescos atavios e fica, depois, a interrogar-se se, realmente, não o teriam enganado dizendo-lhe que os pelles-vermelhas são uma raça em via de desapparecer.

Como, se, na propria metropole *tropeça* com as fortes e sadias *squaws?*

E' que não sabe que estas mulheres são artistas de cinema ou de circo, que trabalham nas pantomimas de scenas do Far-West, nestas representações idealisadas pelo coronel Cody, o grande aventureiro, a quem não faltaram os imitadores.

Essas representações, ao ar livre, só se podem dar no verão. Durante o inverno o emprezario licencia sua "troupe" e os indios se vêm obrigados a fazer a vida citadina. Por mais paradoxal que seja, esta vida tem para elles e, sobretudo, para ellas, grandes attractivos.

E muitos ahi ganham bem a vida.

LEIAM os romances de *Fon-Fon*, variadissimas collecções do grande escriptor francez Michel Zévaco.

MARAVILHAS ARCHITECTONICAS

Uma das maravilhas architecto-nicas mais visitada pelos turistas é os Hawa Mahal ou Palacio dos Ventos, na cidade de Yeipur, India Ingleza. Esse edificio faz parte do palacio dos Maharajahs soberanos do principado de Yeipure e foi construido por Jey Sing fundador da cidade, em 1728. E', portanto, uma das mais modernas obras do engenho hindú, cuja antiquissima civilização produziu admiraveis edificações.

Jey Sing, em principios do seculo XVIII, quando ninguem ainda se havia lembrado de dar enorme altura aos edificios construiu um verdadeiro arranha-céo. O espirito renovador do monarcha hindú ultrapassou a sua época, não só na construcção desse palacio como tambem na fundação da cidade de Yeipur, cujo plano pode ser comparado ao das modernas cidades americanas. As ruas cruzam-se em angulo recto, dividindo-se em seis partes symetricas.

Diz a tradição que Jey Sing estava descontente com a antiga capital do Maharajato, que era Amber. Ahi não havia ruas rectas e tudo era um accumulo de beccos e viellas escuras. Amigo da luz, da hygiene e do luxo o soberano pensou, então, em edificar uma cidade que correspondesse aos seus desejos e bom gosto. E a custa de muito dinheiro e do trabalho tenaz dos escravos edificou, de uma vez, a cidade de Yeipur. Quando estava tudo prompto, communicou aos ministros e a todo o pessoal da côrte que a residencia real se trasladava para Yeipur. Tal decisão não foi do agrado dos cortezãos que, como bons servos da tradição, preferiam Amber a todas as outras cidades da India. Houve até conluios conspiradores e Jey Sing teve de usar do maximo rigor para acalmar os descontentes.

Quando, porem, os mais intransigentes conservadores chegaram a Yeipur, o descontentamento terminou em admiração: a cidade era superior a tudo quanto a fantasia oriental poderia sonhar, sobretudo o palacio dos Ventos, com seus nove andares, sua fachada de estuque branco e rosa, suas cupolas artisticas, elegantes, e a decoração esquisitissima, requintada, interna e externamente.

Os turistas são unanimes em decantar as bellezas da maravilhosa cidade. "Visão de uma graça atrevida e delicada—disse Sir Edwins Arnold — com sua engenhosa architectura erguendo-se em fórma de pyramide, Yeipur é uma verdadeira montanha de belleza aerea e audaz. O mago de Aladino não teria edificado uma residencia mais maravilhosa e nem o palacio de perolas e prata do Peri Banu foi mais delicadamente encantador".

OS MYSTERIOS DO TAMISA

(SHERLOCK HOLMES — POR CONAN DOYLE)

Bob que me espere amanhã á noite ás onze horas com seis Sandbagmen, perto do hospital de Greenwich. Ahi lhe communicarei onde tem de ir buscar a taboa de que se trata. Depois perguntou-me quanto tempo podia estar uma taboa em cima d'agua quando se atira ao rio. Respondi-lhe que não nadaria mais de tres jardas, se elle o desejasse.

— Tanto melhor! tornou o homem rindo, não se esqueça de dar o meu recado a Bob. Vá amanhã á noite ao hospital de Greewich.

— Hurrah! ouviram rapazes, ha duzentas libras a ganhar! Podemos até por esse prego fazer nadar muitas taboas.

— Crapulas! disse comsigo Harry Taxon; falam de afogar alguem como se tratassem de beber um copo de cerveja. Mas não o conseguirão, bandidos! Sherlock Holmes se encarregará de...

Quando elle proferia estas palavras, produziu-se um accidente terrivel.

O telhado de ripas velhas e defeituosas sobre o qual elle se achava, cedeu sob o seu peso, e o ajudante de Sherlock Holmes cahiu no vacuo.

— Que diabo é isto! O que cahiu em cima de nós exclamou Bob, recuando, meio tonto, porque o pobre Harry tinha felizmente cahido em cima delle, sem lhe fazer grande mal.

— Ah! é um vendedor de jornaes, um espião... Agarrem-no, Sandbagmen!... Não o deixem escapar!

— Mas é o mesmo que me seguiu ainda agora gritou Betsy. Amarrem-lhe os braços... Ah! agora me lembro! Vi-o á esquina de Blackwell-Station.

Antes que Harry tivesse tempo para se erguer, uma duzia de Sandbagmen tinha-se lançado sobre elle.

Os murros e os pontapés cahiam sobre elle como uma saraivada e era com grande custo que o pobre rapaz conseguia livrar a cara daquella avalanche de pancadas, cruzando os braços em frente do rosto.

— Quem és tu? gritou Bob, dando-lhe um grande pontapé. Aposto que não és aquillo que finges ser.

— Quem era aquelle marinheiro do "Canadá"? gritaram Bob e Betsy ao mesmo tempo. Responde-nos tu deves sabel-o e nós tambem o queremos saber.

— O que fazias sobre o telhado da nossa casa? perguntou Titus.

— Vaes pagal-o, meu rapaz. Aquelle que sem pertencer ao bando penetra na nossa fortaleza, não sahe della vivo.

— Atirem-no para o subterraneo, rapazes, disse Bob, temos que fazer nadar uma taboa amanhã; pois não começaremos por esta; uma a mais ou a menos, não tem importancia. Que estoure de fome até amanhã. Que se lhe torçam as entranhas. Levem-no.

Um delles levantou um alçapão dissimulado num quadrado de ferro. Harry fez um ultimo esforço desesperado para alcançar a porta e fugir, mas os Sandbagmen seguraram-no com as suas mãos brutaes, arrastaram-no até ao alçapão e atiraram-no para um grande buraco, por uma escada de madeira carunchosa.

Harry ficou alguns momentos tonto junto da escada; logo que voltou a si, inspeccionou o local onde se encontrava. Era um local estreito, debaixo da cavallariça, cujas paredes escorriam agua e onde havia um cheiro suffocante a môfo.

Harry descobriu que a sua prisão possuia uma pequena fresta com grades, por onde entrava o luar.

Tentou arrancar-lhe os varões de ferro, mas os seus esforços não tiveram resultado. Apenas conseguiu ficar com as unhas em sangue.

Soltou então um ligeiro assobio, respondendo-lhe de fóra outro semelhante.

— Ah! ah! Willy está ainda no seu posto! exclamou cheio de alegria; tenho esperança de ser salvo.

— Willy, meu rapaz, deita-te no chão e aproxima-te, murmurou em voz baixa.

Willy inclinou-se para fóra do caes, porque a fresta dava para o Tamisa. Alguns pés abaixo, via-se o raio de luar reflectir nas aguas do rio que, correndo com um ligeiro ruido, pareciam espreitar pacientemente a presa que esperavam, palpitante a alguns passos.

Para poder falar a Harry, Willy teve que se inclinar quasi que por completo sobre o vacuo; apoiou os pés o tronco de uma arvore que se achava ali por acaso, e poude assim chegar em frente á fresta.

— Silencio, meu rapaz, murmurou Harry em voz baixa; é preciso antes de tudo que evites cahir nas mãos dos Sandbagmen.

— E's prisioneiro delles, Harry?

— Sim, prenderam-me. Mas toma este bilhete e leva-o o mais depressa possivel a Lee Boston. Serei talvez salvo se fizeres o recado muito rapidamente.

— Irei a correr, disse o garoto, pódes contar commigo.

Harry tirou vivamente uma carteira da algibeira, rasgou uma folha, escreveu promptamente as palavras que, alguns instantes depois, deviam causar a Sherlock Holmes tão cruel perturbação.

Dobrou em seguida o bilhete e passou-o, pela grade, ao rapaz que o apanhou habilmente.

— Depressa! Corre!... Corre até perderes o folego. Não te esqueças de mim! Até á vista, Willy!

Willy desappareceu logo e Harry sentou-se no solo, o corpo encostado á parede. Esperou.

Sabia que a sua salvação estava nas mãos mais habeis do mundo: as de Sherlock Holmes.

CAPITULO VII

O TAMISA

— Capitão Flobert, tenha a bondade de me acompanhar com dez homens, é urgente, meu amigo; ha uma vida a salvar.

Sherlock Holmes pronunciava estas palavras entrando na esquadra da policia de Tower.

— Oh! oh! senhor Sherlock Holmes, disse o capitão, surprehendido, ao reconhecer no recem-chegado o seu velho amigo... Dez homens estão promptos para partir em cinco minutos. Tenha a bondade de se sentar um momento.

— Estou sobre brazas, capitão Flobert, queira apressar-se.

O capitão correu á casa contigua onde se achavam duas duzias de policias, uns estendidos em camas, jogando as cartas e fumando para se distrahirem de passar a noite na esquadra, de serviço.

— Então, de que se trata, meu amigo? disse o capitão voltando para junto de Shrelock Holmes alguns instantes depois. Como vê acabo de dar ordem para sahirem os homens que pede, sem saber exactamente de que se trata. Mas quando Sherlock Holmes tem necessidade de dez homens, e ainda da minha pessoa, é porque se passa alguma coisa grave.

— Uma vida em perigo não é certamente uma coisa sem importancia, disse o policia numa voz sombria. Conhece o meu amigo e discipulo, Harry Taxon?

— Sim! bem o conheço. Um rapaz corajoso, ainda muito novo, que ha de vir a ser um segundo Sherlock Holmes.

— O que não o impediu de cahir numa cilada dos Sandbagmen. Deve ter commettido um grande erro... Mandei-o seguir uma rameira cujos actos precisava vigiar e... Ah! capitão Flobert, parece-me que sigo uma boa pista!

— Uma boa pista? Onde o levará?

— Não ouviu dizer que assegurei deante do jury que provaria a innocencia do lord Rochester?

— Li nos jornaes; foi avançar muito! Mas disse commigo: desde o momento e que Holmes o affirma é porque fareja alguma coisa interessante.

— Os meus presentimentos não se enganaram, capitão Flobert, depressa terei nas mãos...

— O que?

— O bandido que fez desapparecer miss Aberdeen. Já lhe estou no encalço. Mas aqui estão os homens... Partamos!

— Onde encontraremos os Sandbagmen? perguntou o capitão Flobert, quando saiam da delegacia.

— Numa antiga cavallariça, a setenta e cinco passos do entreposto de assucar Harriman, nas West India Docks.

— Sim! bem sei! exclamou o capitão; sempre desconfiei que existia ali coisa suspeita, mas, até agora, nunca consegui deitar a mão aos bandidos. Cahirão afinal na rêde?

— Isso depende da promptidão com que procedermos, retorquiu Holmes, que avançava tão rapidamente que o capitão e os seus auxiliares sentiam difficuldade em seguil-o.

— Eil-o, o covil das féras, disse o policia passado um momento, parando e deisgnando um edificio desmantelado, em ruinas... Capitão Flobert, fique aqui com o seu pessoal occulto na sombra. Entretanto, avançarei só, afim de explorar o terreno.

— Está entendido, sr. Holmes. Tem o seu apito para nos poder fazer signal para acudirmos?

— Trago-o sempre commigo, preso numa corrente de aço. Quando ouvirem tres apitos estridentes, apressem-se.

O capitão da policia retirou-se com os seus subordinados para a entrada do alpendre e todos se occultaram ali numa sombra propicia.

Holmes dirigiu-se para a cavallariça, andando de rastos como um indio americano na pista de guerra. Tudo estava sombrio e escuro; ter-se-ia ouvido o esvoaçar subtil de uma mosca.

"Os malfeitores teriam deixado o seu ponto de reunião? perguntou a si mesmo o detective, ou querer-me-ão fazer cahir em alguma cilada? Em todo o caso, urge ser prudente e abrir os olhos!"

(*Cont. na pag. seguinte*)

Chegando perto da cavallariça, ergueu-se lentamente, encostou o ouvido á parede e escutou.

Não se sentia o minimo ruido no interior a não ser um murmurio continuo e monotono que elle attribuia ás aguas do Tamisa.

— Esta casa parece ter sido feita expressamente para ladrões e assassinos; disse comsigo o policia; nem uma janella!... Aqui parece que existe um postigo... Forcemol-o!

Holmes pegou numa pinça, introduziu-a cuidadosamente na abertura do postigo que, alguns minutos depois, se abria por completo. Por aqui poude lançar um olhar prescrutador para dentro da cavallariça, mas não descobriu ninguem.

Decidiu-se a arrombar a porta e a entrar. Comtudo, fez primeiro funccionar a sua lampada electrica e prendeu-a ao peito. Pegou no revolver com a mão esquerda e, com a direita, tentou abrir a porta experimentando todas as gazuas de um molho que trazia comsigo.

Por fim, encontrou a precisa; a porta abriu-se e Holmes entrou.

Um grande socego reinava na cavallariça. Illuminou todos os cantos com a sua lanterna, mas não descobriu coisa alguma que lhe despertasse suspeitas.

— Os malandros deixaram o seu ponto de reunião por hoje, disse elle comsigo, mas que fizeram elles de Harry? Leval-o-iam tambem? Harry! Harry!... O pobre rapaz já aqui não está, e eu!... perdi-lhe a pista.

"Flobert póde retirar-se com os seus auxiliares, nada mais temos que fazer aqui por emquanto contra os Sandbagmen.

Holmes voltou para a porta; chegando ali notou ainda o mesmo ruido que ouvira quando entrara: de repente estacou, como se tivesse transformado em estatua. Quedou-se um momento immovel, depois inclinou levemente a cabeça afim de escutar com mais exactidão.

Parecia-lhe ter notado como que um vagido de creança suffocado quasi que immediatamente pelo ruido da agua do rio.

— Não será uma creatura que brada por soccorro? perguntou a si mesmo anciosamente Holmes. Mas como? Este pardieiro só possue este commodo... não vejo porta alguma para qualquer lado que me volte. Não! Nas paredes, nada! E' o mormurio da agua que ouço continuamente. Voltemos depressa a Flobert.

Holmes correu para a porta; de subito, tropeçou em qualquer coisa.

— Olá! O que é isto? Uma argola de ferro? Por S. Patricio! E' um alçapão!... Haverá uma adega debaixo desta immunda cavallariça?

Holmes agarrou a argola, resolvido a abrir o alçapão e a examinar a adega, sem comtudo se arriscar muito. De repente, deu um salto de horror e de compaixão; todo o seu sangue se gelára nas veias.

— Sherlock Holmes! Sherlock Holmes! ouviu elle. Soccorro! Sherlock Holmes!... Afogo-me...

— Harry! Estes malditos cães fecharam-n'o na adega e fizeram entrar ali as aguas do Tamisa! rugiu o policia.

Como doido, lançou-se sobre o alçapão, agarrou a argola de ferro, e, com força herculea puxou o pesado quadrado que, de ordinario, só quatro pessoas podiam erguer... Offereceu-se-lhe á vista um terrivel espectaculo.

A agua subia lentamente para elle, e os seus olhos desmedidamente abertos pelo espanto, contemplavam, como num pesadello, aquellas ondas negras e tumultuosas, semelhantes a um grande lago sombrio, que assaltavam a escada e enchiam pouco a pouco a adega. Holmes tirou da algibeira do collete um pequeno assobio de prata de onde partiram tres silvos agudos e estridentes, e começou a descer o mais rapidamente que poude os degraus da escada.

Apenas deu alguns passos, a agua chegou-lhe ao peito. Ergueu a lampada acima das ondas e dirigiu a luz o mais longe possivel para prescrutar a superficie das aguas.

— Harry, meu rapaz, gritou elle dolorosamente angustiado notando um corpo inanimado na toalha liquida.

O mancebo era levado pelas ondas e projectado de encontro ás paredes da adega em todas as direcções.

Holmes atirou-se á agua ousadamente, e pouco depois chegava junto de Harry a quem agarrava pela roupa. Tratou em seguida de se dirigir para a escada o mais rapidamente possivel.

— Sr. Holmes, onde está? gritou o capitão Flobert nesse momento. O que se passa aqui?

— Depressa! Uma correia! Uma corda! Puxem-me para cima.

— Diabo! Mas é o Tamisa, disse Flobert vendo o subterraneo cheio de agua. Formem uma cadeia, meus amigos, e que o ultimo traga para cima o Sr. Holmes.

Promptamente, os seis policias executaram a ordem do capitão e o mais afastado estendeu a mão o mais longe que poude.

Vivamente, Sherlock segurou a mão que se lhe estendia e subiu, escapando assim a uma morte atroz.

— Salvos! disse elle soltando um profundo suspiro, logo que sentiu terra firme debaixo dos pés. Mas o pobre rapaz parece-me que pagou com a vida o crime destes bandidos.

O capitão Flobert estava já ajoelhado junto do corpo de Harry, pallido e inanimado, os olhos completamente fechados. Deitou-lhe entre os labios algumas gottas de um cordeal energico. Dois policias, inclinados para o mancebo desembaraçam-n'o da roupa, e com incansavel paciencia, friccionaram-no vigorosamente.

O tratamento foi coroado de successo.

Harry lançou a agua que engulira em grande quantidade; a respiração tomou pouco a pouco o seu curso, e o capitão que sabia muito bem daquelle mister e estava maravilhosamente no seu papel de salvador, depressa declarou que elle estava livre de perigo.

— Mande buscar um carro... Vou conduzil-o para minha casa... Flobert, faça fechar a porta; é necessario que os bandidos não percebam que lhes fizemos uma visita... Desse modo, apanhal-os-emos uma outra occasião.

Flobert não poude deixar de admirar a serenidade e a presença de espirito de Sherlock que, a despeito da sua grande dor, não descurava nenhum detalhe e tomava todas as precauções susceptiveis de o fazer attingir ao seu fim.

Dez minutos depois, parava um carro fechado defronte da cavallariça.

Harry, que continuava sem sentidos e delirava, foi transportado para elle com infinitas precauções. Sherlock sentou-se defronte do mancebo e deu ordem ao cocheiro para os conduzir á sua casa.

— Diabo! O que diz elle? murmurava Sherlock durante o trajecto, inclinando-se para o seu discipulo. Escutemos... Como, o que conta elle?

— Uma taboa nada! Uma tabôa! murmurava Harry no seu delirio. Para o hospital de Greenwich... Os Sandbagmen...

— Queres ir para o hospital de Greenwich, meu pobre pequeno! exclamou Sherlock. Não, não permittirei que ponhas os pés em hospital. Serás muito bem tratado em minha casa!

E com uma ternura de que ninguem o julgaria capaz, frio e insensivel como era de ordinario, envolveu o corpo ainda todo molhado de Harry Taxon numa cobertura que o cocheiro lhe dera.

CAPITULO VIII

MORTE E RESTITUIÇÃO

O medico declarou bastante grave o estado de Harry Taxon. O mancebo soffrera um abalo nervoso tão grande que o seu mal podia degenerar em uma febre typhoide.

— Elle quer absolutamente ser transportado para o hospital de Greenwich, disse Sherlock Holmes, deveras preoccupado, mas prefiro conserval-o aqui.

— *Well!* senhor Holmes! Dir-lhe-ei o que deve fazer amanhã ao meio dia, quando voltar a ver o meu doente.

Sherlock Holmes, apesar de ter a certeza de se achar na boa pista, perdera subitamente toda a vontade de tratar do caso de Elisabeth Aberdeen.

O receio de que o seu fiel discipulo pudesse morrer de um momento para o outro, inhibia aquelle homem, sempre tão energico, de pensar noutra causa a não ser no seu collaborador, que amava como um filho.

Passou a noite toda á cabeceira do seu protegido. De manhã, confiou-o á senhora Bonnet, sua governante; reflectira entretanto que era forçoso que cumprisse o seu dever, custasse o que custasse.

Dirigiu-se á estação central da policia.

Logo que aqui chegou, teve uma prolongada conferencia com um dos mais altos funccionarios.

Quando Sherlock Holmes voltou para casa, foi desagradavelmente surprehendido por um telegramma com o seguinte conteúdo:

"O sr. Phineas Aberdeen, meu marido, pede-lhe que o venha ver immediatamente; deseja falar-lhe ainda uma vez antes de morrer.

Arabella Aberdeen".

— E' uma coisa que não posso recusar, disse Sherlock Holmes. Senhora Bonnet, traga-me depressa o almoço, entretanto ficarei junto do nosso querido doente.

(Cont. na pag. seguinte)

BUCOLISMO

DE CLAUDIA REGINA

Quero viver bem longe da cidade,
Distante do bulicio e do rumôr,
Fazendo uma feliz eternidade
Da doçura, sem par, do nosso amôr!...

Quero viver a minha mocidade
No aconchego dum ninho, no calôr
Da ditosa e serena intimidade
Que entre nós dois, o affecto soube pôr!...

Quero viver bem longe, bem distante
Da hypocrisia da sociedade!...
Quero viver para o teu coração!...

E vendo o nosso amôr, puro e constante,
Nossa Senhora da Felicidade
Sorrindo, abençoará nossa união...

Sherlock Holmes, de novo, se inclinou ternamente para o mancebo, livido sob os cobertores, e escutou ancioso as palavras insensatas que lhe sahiam dos labios:

"Sandbagmen... uma tabca a nadar... Soccorro!... Soccorro!... Hospital de Greenwich".

— E' realmente o que ha mais extraordinario este hospital de Greenwich de que elle fala a todo o momento no seu delirio com estas palavras curiosas. Uma tabca a nadar, disse de si para si Sherlock Holmes; preciso reflectir nisto.

Depois de ter almoçado rapidamente, Sherlock Holmes dirigiu-se ás pressas para a casa de Phineas Aberdeen.

Os sentimentos que o policia experimentava por este homem eram de differente natureza.

Por um lado compadecia-se delle por causa do desapparecimento da filha, e, por outro, sabia que o usurario commettera durante a sua existencia commercial alguns actos que frisavam pela falta de probidade.

Acabava de chegar á velha mas luxuosa residencia de Phineas Aberdeen.

Logo que o introduziram, apresentou-se-lhe a senhora Aberdeen.

Não pronunciou uma só palavra com respeito aos acontecimentos da noite precedente; apertou-lhe simplesmente a mão.

— Os medicos dizem que o sr. Aberdeen não pode viver muito tempo mas quer vel-o e falar-lhe a todo o custo. O seu advogado, sr. Potter, acha-se neste momento junto delle. Creio que se trata do testamento... Tenha a bondade de me seguir porque elle ordenou que o mandassem entrar logo que chegasse.

Sobre um sumptuoso leito achava-se deitado, agonizante, o homem a quem chamavam correntemente o usurario de Cannon-street.

A uma pequena mesa, estava sentado o sr. Potter e, diante delle, estavam alguns papeis.

— O sr. Sherlock Holmes chegou agora, disse a senhora Aberdeen em voz baixa. Queres vel-o.

— Sherlock Holmes— murmurou Phineas numa voz extenuada, seja bemvindo a essa casa. Saiba que acabo de lhe deixar cinco mil libras no meu testamento no caso em que encontre minha filha. Disseram-me que prometteu esclarecer em tres dias esse sombrio e doloroso mysterio. Ah! pobre creança! Receio muito... muito que só te encontrem o cadaver.

— Não devemos ter esse receio por emquanto, senhor Aberdeen, replicou Sherlock Holmes. Creio poder dar-lhe a esperança de tornar a ver sua filha.

— Tornar a vel-a, retrucou o moribundo numa voz angustiada. Eu não mais a verei porque sinto que em poucas horas, terei deixado este mundo. Querida Arabella, tenha a bondade de me deixar só com estes dois cavalheiros, o meu testamento está feito. Parece-me ter reconhecido amplamente a ternura e o amor que me testemunhaste nestes ultimos annos; o teu futuro está assegurado.

Arabella inclinou-se e beijou a mão fria e magra do marido; em seguida sahiu do quarto com o lenço nos olhos.

— Senhor Sherlock Holmes, disse Aberdeen quasi num murmurio, quando se encontrou só com o advogado e o policia, acabo de ditar o meu testamento ao sr. Potter. Tentei reparar todo o mal que pratiquei na minha vida. Pensei em muitas familias. Aquellas que soffreram por minha causa são indemnizados no meu testamento. Mas ha um caso que me angustia particularmente. Existe um homem — em face da morte deve-se falar com franqueza — que arruinei totalmente com os meus processos usurarios. A esse homem, leguei no meu testamento cinco mil libras, mas desappareceu. E' forçoso procural-o e é a si, Sherlock Holmes, que confio essa missão.

— E como se chama esse homem? perguntou o policia.

— E' um proprietario escossez, um certo Jacques Delauny. Quero que tambem elle não me amaldiçôe... que não injurie o meu nome quando eu deixar de existir.

— Senhor Aberdeen, exclamou Sherlock Holmes, dê immediatamente ordem ao sr. Potter para que elimine do seu testamento tudo quanto diz respeito a Jacques Delauny. Esse homem já se pagou... Vingou-se terrivelmente de si.

O moribundo ergueu levemente a cabeça das almofadas; os seus olhos, muito abertos interrogavam, cheios de angustia, Sherlock Holmes.

Prevendo, continuou o policia, que é esse Jacques Delauny o autor do rapto de sua filha, da sua amada filha Elisabeth. Foi desse modo que satisfez o seu odio contra si.

Sahiu um grito dos labios tremulos de Phineas Aberdeen.

— Está ahi pois a chave do enigma!... Póde ter razão, sr. Sherlock Holmes... Jacques Delaunay destruiu a minha felicidade, a paz do meu lar, a minha vida! Lembro-me que elle me disse um dia: "Tiras-te-me o que tinha de melhor, a minha casa; pois hei de privar-te do que tens de mais querido no mundo. Sem dizer palavra, o advogado riscou do testamento a clausula concernente a Jacques Delaunay. Em seguida deu a caneta ao moribundo que teve ainda força bastante para pôr a sua assignatura no testamento.

Meia hora depois destes acontecimentos, o usurario de Cannon-street tinha morrido.

CAPITULO IX

O TRIUMPHO DE SHERLOCK HOLMES

Foi bastante commovido que Sherlock Holmes sahiu da casa do fallecido.

Porém, assim que chegou á rua, os seus pensamentos convergiram para Harry.

— Comprehendo agora o que elle quer dizer no seu delirio! exclamou elle. Deixar nadar uma taboa, isso significa muito simplesmente, na linguagem dos assassinos de Londres, atirar um homem ao Tamisa. E' este plano ou outro semelhante que elle surprehendeu entre os Sandbagmen, e o hospital de Greenwich, que profere sempre no delirio, é certamente o local onde o crime se deve perpetrar.

Emquanto pronunciava estas palavras, Sherlock Holmes entrou numa estação do correio e expediu um telegramma ao capitão Flobert, dizendo-lhe para se dirigir com os seus homens ás oito horas da noite, ao hospital de Greenwich.

— Nada de uniformes! A' paisana! accrescentou o policia.

Quando entrou em casa, encontrou o dr. Hohbson á cabeceira do doente.

O medico declarou que a febre não augmentara e que, sem duvida, Harry recuperaria os sentidos dahi algumas horas.

Ninguem seria capaz de descrever a impaciencia e expectativa febril em que Sherlock Holmes passou toda a tarde junto do seu querido doente; não se tratava já da vida de Harry, que se achava fóra do perigo; urgia salvar uma outra existencia apparentemente ameaçada pelos Sandbagmen.

A's sete horas da noite, Sherlock Holmes notou que as faces do doente começavam a colorir-se; ao mesmo tempo agitava as palpebras fracamente; depois a respiração de Harry tornou-se normal e, subitamente, sentou-se na cama, gritando:

— Onde estou eu?

— Em minha casa, meu filho, replicou alegremente Sherlock Holmes pegando nas mãos do mancebo e apertando-as entre as delle. Felicito-te... Estás salvo!

— Ah! lembro-me agora de tudo! proferiu Harry. Mas, Holmes, quanto tempo estive sem sentidos?

— A' noite passada, ás duas horas, encontrei-te na Tamisa, dentro dagua. Agora são sete horas e alguns minutos da noite.

ESTRANHA REVELAÇÃO

Vieste um dia bater á minha porta,
E a porta abri, consciente, na certeza
Que era a minha ventura quasi morta
Que vinha me fazer uma surpresa...

Entraste, então, perenne de belleza
Trazendo-me a esperança que conforta.
Tinha minh'alma cheia de tristeza,
E o coração como uma folha morta!

Viveste em meu convivio; e, como um sonho,
Encheste a minha vida de alegria,
Numa embriaguez de vicio e de prazer...

Trêda illusão! Era um painel estranho
Que ante os meus olhos se mostrára um dia
Sob a fórma enganosa de viver!

Almeida Cruz

— Portanto do mesmo dia! disse Harry numa voz fraca. Então, é tempo ainda!

— Sei tudo! annunciou Sherlock Holmes sorrindo e esfregando as mãos de contente, queres que me dirija ao hospital de Greenwich?

— Pois sabia?...

— Tu mesmo m'o disseste, meu rapaz, porque falaste no delirio. E' realmente no hospital de Greenwich que vão reunir-se esta noite os Sandbagmen?

— Sim! os miseraveis foram pagos para commetter um crime. Devem lançar alguem ao Tamisa.

— Quem lhes pagou?

— Não sei. Mas tratava-se sempre de um homem cujo nome não foi pronunciado; é o mesmo que fez já ganhar cem libras a Bob.

— Bravo! exclamou com prazer Holmes, agora, parece-me que estou seguro do caso, porque deve ser Jacques Lelauny que os espera esta noite no hospital de Greenwich... Quantos Sandbagmen devem ir ao local combinado?

— Ouvi falar em seis homens dirigidos por Bob.

— A que horas deviam reunir-se?

— A's dez horas, creio, mas não estou muito certo porque sinto a cabeça fraca.

— Sim. Serão precisos alguns dias para que tornes a ser o primeiro policia de Londres. Mas por emquanto, meu pequeno trata-se de tomar este excellente caldo que a sra. Bonnet preparou para

(Cont. na pag. seguinte)

ti e em seguida dormir de novo... E sobre tudo, não vás divertir-te a sonhar com os malditos Sandbagmen.

A's oito horas da noite, Holmes depois de ter jantado, disse á sra. Bonnet:

— Tome conta de Harry; estarei occupado toda a noite.

Em seguida sahiu, envolto num grande casaco. Em cada uma das algibeiras levava um revolver de seis tiros e alguns pares de algemas cujo mecanismo fôra inventado por elle e que eram conhecidas em Inglaterra pelo nome de "Sherlock Holmes Iron".

A's nove horas precisas, o celebre policia encontrou, nas proximidades do hospital de Greenwich, o capitão Flobert que já o esperava com impaciencia.

E' ainda por causa dos Sandbagmen? perguntou o capitão.

— Naturalmente, replicou Sherlock Holmes, mas fariamos bem occultando-nos porque me parece que os miseraveis não devem demorar se.

Greenwich-Hospital, que é quasi exclusivamente para marinheiros, liga-se ao Greenwich Park. Entre o parque e o hospital ha uma rua estreita chamada Greenwich-road.

Sherlock Holmes collocou ahi alguns homens de sentinella. O seu trajo á paisana não podia em caso nenhum, fazer descobrir-lhes a identidade; quatro delles passeiavam em volta do hospital.

As dez horas pouco mais ou menos, appareceram algumas sombras duvidosas na direcção de Greenwich-road. Pouco tempo depois, chegou egualmente Bob, que Sherlock Holmes, occulto com o capitão Flobert e seis policiaes por detraz das arvores do parque reconheceu immediatamente pela cabeça rapada.

— Não seria melhor prendel-os já? disse em voz baixa o capitão Flobert a Sherlock Holmes.

Mas este fez com a cabeça um signal negativo e poz o dedo nos labios, designando com os olhos um carro fechado que avançava lentamente por Greenwich-road.

— Sabe quem se encontra naquelle carro? perguntou Holmes ao capitão, aproximando os labios o mais possivel do ouvido do seu amigo... Elisabeth Aberdeen em pessoa! Daqui a cinco minutos vae ver em carne e osso a joven desapparecida que ha tanto tempo conserva Londres em alvoroço.

— E lord Rochester?

— Está com certeza innocente! Innocente como uma creança que acaba de nascer. Mas agora, Flobert, attenção! O carro pára... Um homem desce... Fecha cuidadosamente a portinhola... Serenidade! Deixemos ver ainda o que se segue... Não ignora, Flobert que um policia habil não deve apparecer si. não no momento decisivo. E' preciso deixar amadurecer o fructo do crime.

O homem que descera do carro estava coberto por um comprido casaco que lhe dava um aspecto sinistro; tinha um chapeu de feltro molle que lhe cobria os olhos, occultando-lhe a fronte. Não se aproximou dos Sandbagmen, mas fez-lhes signal do meio da rua. Acto continuo, Bob e os companheiros avançaram para elle.

— Sabe de que se trata, proferiu o homem pondo a mão sobre o hombro de Bob, emquanto que a manga direita do casaco pendia, ao longo do corpo. Quer ganhar duzentas libras?

— Sim, senhor, certamente. Não se perde assim uma quantia tão importante! tornou Bob. Devemos fazer nadar uma taboa, disse-nos Titus.

— E' uma rapariga, disse o homem em voz baixa, está ligada de pés e mãos, dentro do carro; leve-a até ao Tamisa, mas tenha cuidado que o corpo não possa nunca voltar á superficie.

— All Right! Senhor! Por-lhe-emos um sacco cheio de pedras ao pescoço e veremos se nada por muito tempo! Está amordaçada? não poderá gritar?

— Está amordaçada, absolutamente sem defesa.

— Depressa, tratemos disto!

O capitão Flobert quiz precipitar-se para a frente mas Sherlock Holmes segurou-o pelo braço.

— Seria a maior tolice que podia commetter, disse Sherlock Holmes. Alguns minutos ainda... Deixemos os miseraveis ir até ao fim!

Bob tinha aberto a portinhola do trem; com mão brutal tirou dahi a pobre menina sem defesa e entregou-a aos Sandbagmen. Quatro bandidos apoderaram-se da joven, envolveram-n'a rapidamente em um largo manto e dirigiram-se para o rio.

Bob e o homem do casaco grande seguiram-n'os.

Os Sandbagmen estavam apenas, com a sua victima, a uma dezena de passos do Tamisa, quando resoaram simultaneamente algumas detonações, e os homens que levavam a joven cahiram.

Nenhum delles estava morto, mas todos quatro estavam feridos nas pernas pelas balas dirigidas com maravilhosa precisão por Holmes e os policiaes.

— Traição! rugiu Bob tirando do cinto uma grande faca, salve-se quem puder!

Nesse mesmo instante, o capitão Flobert agarrou-o com mão de ferro.

Sherlock Holmes tinha-se lançado ao homem do casaco como a aguia se lança sobre a presa.

— Desta vez, não é um braço artificial que seguro! exclamou elle numa voz triumphante prendendo Jacques Delauny que se debatia desesperadamente para escapar á formidavel força do policia. Vamos ver se me escapas segunda vez, bandido!

Levantem a joven e levem-n'a com precaução para o carro! Quanto a estes canalhas, depressa com elles na torre de Londres.

Os policias aproximaram-se de Elisabeth Aberdeen para lhe tirarem a mordaça que a suffocava; cortaram as cordas que lhe embaraçavam os movimentos e levaram-n'a desmaiada para o carro.

Uma hora mais tarde, Jacques Delauny, Bob e os Sandbagmen estavam encerrados na Torre.

Na manhã seguinte uma nuvem de vendedores de jornaes percorria as ruas de Londres gritando em todos os tons:

— Grnde triumpho! Sherlock Holmes!

Sherlock Holmes cumpriu a promessa feita ao Juiz: Tinham-lhe sido precisas apenas quarenta e oito horas para provar a innocencia de lord Rochester.

Elisabeth Aberdeen reappareceu. Sã e salva voltou para a casa paterna... Os malfeitores estão na prisão e meditam tristemente na sorte que os espera.

A's nove horas da manhã, lord Rochester apresentou-se no gabinete de trabalho de Sherlock Holmes; com lagrimas nos olhos abraçou-o fraternalmente, e quiz entregar-lhe uma quantia importante em recompensa de tudo que fizera por elle.

Mas Sherlock Holmes, com uma attitude cheia de nobreza, repelliu as notas que elle lhe apresentava.

— Mylord, disse o policia, estou generosamente pago!... O homem que o levou ao banco dos réos já me recompensou! E, de resto, é apenas justiça que fosse elle quem pagasse as despesas da aventura... Mas se quer que lhe dê um bom conselho, não resida mais no ultimo andar de um predio. Ha sempre um certo perigo para o locatario, quando se lhe podem introduzir em casa pelo telhado... Um limpa-chaminés, como viu, pode algumas vezes entrar de um modo intempestivo na nossa residencia e, como sabe por experiencia propria, muitas vezes esse sujo individuo ao roçar-nos deixa sobre nós manchas que muito custam a limpar.

FIM

NO PROXIMO NUMERO DO MESMO AUTOR

O DENTISTA FALSARIO

Dôres nas Costas Lumbago, Sciatica

O exito de nossa cruzada contra DÔRES NAS COSTAS, LUMBAGO, SCIATICA, etc., depende quasi exclusivamente da recommendação de ex-soffredores satisfeitos.

A primeira vez que V.S. sente uma pontada na cintura, nos membros ou nas costas, talvez lhe attribua pouca importancia, pensando:—"Depressa passará." A repetição da dôr lhe fará dizer: "Mas, qual póde ser a causa?" V.S. procederá com acerto se neste periodo do mal reflectir um instante e se resolver agir immediatamente. Do contrario as suas dôres acabarão por atormental-o dia e noite.

E' um facto geralmente reconhecido pela sciencia medica que muitas dolorosas enfermidades, taes como o Rheumatismo, a Sciatica, o Lumbago, etc., são consequencia de um excesso de acido urico no organismo. Este excesso é eliminado pelos rins quando estes funccionam normalmente. Por conseguinte, se V. S. soffre de qualquer dessas doenças, a primeira cousa que deve fazer é estimular o bom funccionamento de seus rins.

Ha já muitos annos, os medicos recommendam as Pilulas De Witt como medicamento digno de confiança para os Rins e a Bexiga, porque a sua acção sobre estes orgãos é benefica e quasi immediata.

Estamos tão convencidos de seus meritos, que offerecemos um FORNECIMENTO GRATIS PARA EXPERIENCIA de Pilulas De Witt a todos os que o solicitem. Póde fazer-se uma offerta mais equitativa? Preencha o coupon abaixo e remetta-o HOJE. A primeira dose lhe demonstrará que andou acertado.

PILULAS DE WITT

PARA OS RINS E A BEXIGA

Pódem experimentar-se em casos de

RHEUMATISMO, DÔRES NAS CADEIRAS, ENFRAQUECIMENTO DA BEXIGA, LUMBAGO, SCIATICA, MOLESTIAS DOS RINS

e todas as Molestias provenientes do excesso de acido urico no organismo.

O seu medico sabe o quanto são boas

Remetta-nos este coupon hoje mesmo

Snrs. E. C. De WITT & Co. Ltd. (Depto. R157),
Caixa do Correio 834, Rio de Janeiro.

Queiram enviar-me, livre de despezas, uma amostra das famosas Pilulas De Witt para os Rins e a Bexiga.

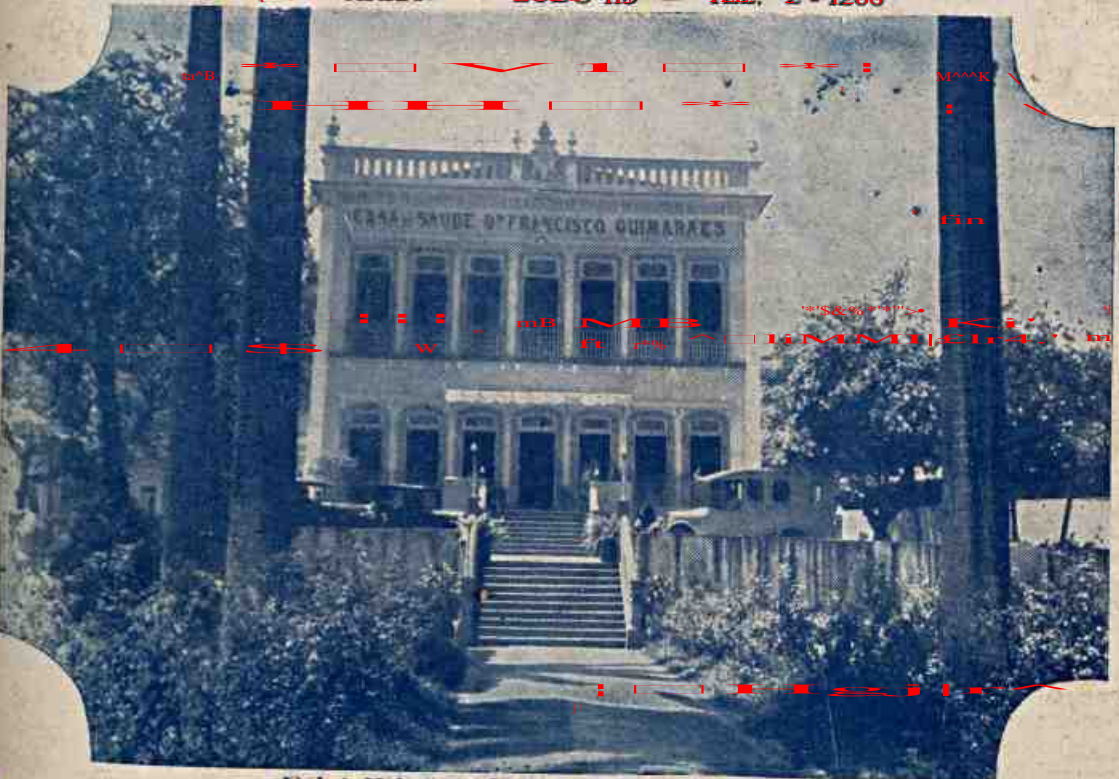
Nome...

Endereço...

....

Queira escrever com clareza
Mande em envelope aberto.....sello 20 Reis

CASA DE SAUDE DR. FRANCISCO GUIMARÃES

RUA ARISTIDES LOBO 115 — TEL. 2-1266

DIARIAS DESDE 15$000

ORF-LÉN
TINJE
CABELLOS BRANCOS
nas seguintes côres:
Louro
Bronzeado claro
escuro
Castanho claro
natural
bronzeado
pouco escuro
escuro
Prêto